



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA – AMÉRICA LATINA

**O VERDE E AMARELO E GRUPOS DE EXTREMA-DIREITA NO BRASIL
(2018-2022) - REPERCUSSÕES NA *FOLHA DE SÃO PAULO***

TUMBAO VELASQUEZ Y CASTRO

Foz do Iguaçu

2024



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

HISTÓRIA – AMÉRICA LATINA

**O VERDE E AMARELO E GRUPOS DE EXTREMA-DIREITA NO BRASIL
(2018-2022) - REPERCUSSÕES NA *FOLHA DE SÃO PAULO***

TUMBAO VELASQUEZ Y CASTRO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em História - América Latina.

Orientadora: Prof. Dra. Rosângela de Jesus Silva

Foz do Iguaçu

2024

TUMBAO VELASQUEZ Y CASTRO

**O VERDE E AMARELO E GRUPOS DE EXTREMA-DIREITA NO BRASIL
(2018-2022) - REPERCUSSÕES NA *FOLHA DE SÃO PAULO***

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Latino-Americano
de Arte, Cultura e História da Universidade
Federal da Integração Latino-Americana,
como requisito parcial à obtenção do título
de Bacharel em História - América Latina.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof. Dra. Rosângela de Jesus Silva
UNILA

Prof. Dra. Endrica Geraldo
UNILA

Prof. Dr. Evander Ruthieri Saturno da Silva
UNILA

Foz do Iguaçu, ____ de _____ de _____.

Dedico este trabalho aos meus pais,
Carolina Suarez Copa Velasquez Y
Castro e Rafael Y Castro, por terem
me apoiado durante essa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe, Carolina Suarez Copa Velasquez Y Castro, e ao meu pai, Rafael Y Castro, por terem sempre me inspirado e encorajado a perseguir meus próprios caminhos, atuando como um porto seguro, e estando sempre dispostos para conversar durante a jornada que representou a graduação e a produção desse trabalho de conclusão de curso.

Gostaria também de agradecer ao corpo docente do curso de História - América Latina, e História - Licenciatura da UNILA, em especial à minha orientadora Rosângela de Jesus da Silva, que me aconselhou e forneceu materiais indispensáveis à pesquisa durante todo o percurso, e aos professores Endrica Geraldo e Evander Ruthieri Saturno da Silva, que se disponibilizaram a participar da banca de defesa, e sempre me estimularam pelo estudo da história em suas aulas.

Agradeço aos meus colegas de curso, Acauã Allende Silva Capucho, e Leonardo de Souza Silva, com quem primeiro conversei sobre o tema da pesquisa, e que desde então sempre estiveram presentes para conversar sobre o andamento do trabalho.

Quero agradecer também ao meu amigo João Vitor Carvalho, que conheci assim que cheguei em Foz do Iguaçu quando chegamos de São Paulo, e que foi sempre extremamente presente e parceiro durante todos os anos de faculdade, e a minha amiga Larissa Xavier de Miranda. Ambos estiveram presentes no meu dia a dia e acompanharam de perto o desenvolvimento deste trabalho, sempre me perguntando sobre o progresso, e dispostos a conversar.

Por fim, quero agradecer à minha companheira Ana Clara, quem mais me incentivou durante esse processo, e sempre esteve disposta a conversar sobre minha escrita e analisar o andamento do trabalho.

“Nada é mais importante do que deter o fascismo,
porque o fascismo vai deter todos nós”
Fred Hampton

RESUMO

Este trabalho de monografia visa, a partir de uma reflexão sobre a expansão da extrema-direita no panorama mundial, analisar especificamente o caso brasileiro através do regime presidencial de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022). A ressignificação da bandeira nacional e suas cores, junto à camisa canário da seleção brasileira de futebol ocorreu em sua utilização pela extrema-direita brasileira, que cooptou tais símbolos, os apropriando como ferramentas de campanha eleitoral e afirmação de uma identidade visual própria. Analisarei capas de jornais publicadas pelo veículo de imprensa *Folha de São Paulo* entre 2018 e 2022 acerca de movimentações da direita brasileira, onde é possível observar esse movimento de apropriação. Para isso, utilizarei como referencial metodológico principal o trabalho de José d'Assunção Barros (2023) e Tania Regina de Luca (2005), formando um embasamento teórico sobre o trabalho com fontes de imprensa. Para trabalhar com a questão das direitas, utilizei como base os trabalhos dos autores Fabrício Pereira da Silva com o livro: *"América Latina em seu Labirinto - Democracia e autoritarismo no século XXI"* (2019), e André Kaysel com o livro: *"Direita, Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro"* (2015). O objetivo final desse trabalho de conclusão de curso é o de analisar como a Folha de São Paulo mostrou esse movimento de ressignificação simbólica em suas páginas.

Palavras-chave: ressignificação; símbolos nacionais; extrema direita; neofascismo; *Folha de São Paulo*.

RESUMEN

Esta monografía tiene como objetivo, a partir de una reflexión sobre la expansión de la extrema derecha en el mundo, analizar específicamente el caso brasileño a través del régimen presidencial de Jair Messias Bolsonaro (2019-2022). La resignificación de la bandera nacional y sus colores, junto con la camiseta canaria de la selección brasileña de fútbol, se produjo en su uso por parte de la extrema derecha brasileña, que cooptó tales símbolos, apropiándose de ellos como herramientas de campaña electoral y afirmación de su propia identidad visual. Analizaré las portadas de los periódicos publicados por el medio *Folha de São Paulo* entre 2018 y 2022 sobre los movimientos de la derecha brasileña, donde es posible observar este movimiento de apropiación. Para ello, utilizaré como principal referente metodológico el trabajo de José d'Assunção Barros (2023) y Tania Regina de Luca (2005), formando una base teórica sobre el trabajo con fuentes periodísticas. Para trabajar con la cuestión de las derechas, utilicé como base los trabajos de los autores Fabrício Pereira da Silva con el libro: *"América Latina em seu Labirinto - Democracia e autoritarismo no século XXI"* (2019), y André Kaysel con el libro : *"Direita, Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro"* (2015). El objetivo final de este trabajo de conclusión de curso es analizar cómo la *Folha de São Paulo* mostró este movimiento de resignificación simbólica en sus páginas.

Palabras clave: resignificación; símbolos nacionales; extrema derecha; neofascismo; *Folha de São Paulo*.

ABSTRACT

This monograph aims, based on a reflection on the expansion of the far-right on the global scene, to specifically analyze the Brazilian case through the presidential regime of Jair Messias Bolsonaro (2019-2022). The resignification of the national flag and its colors, along with the canary jersey of the Brazilian soccer team, occurred in its use by the Brazilian far-right, which co-opted these symbols, appropriating them as electoral campaign tools and affirming its own visual identity. I will analyze newspaper covers published by the press outlet *Folha de São Paulo* between 2018 and 2022 about movements of the Brazilian right, where it is possible to observe this movement of appropriation. To this end, I will use as the main methodological reference the work of José d'Assunção Barros (2023) and Tania Regina de Luca (2005), forming a theoretical basis for working with press sources. To work on the issue of the right, I used as a basis the works of authors Fabrício Pereira da Silva with the book: *"América Latina em seu Labirinto - Democracia e autoritarismo no século XXI"* (2019), and André Kaysel with the book: *"Direita, Volver! O retorno da direita e o ciclo político brasileiro"* (2015). The final objective of this course completion work is to analyze how *Folha de São Paulo* showed this movement of symbolic resignification in its pages.

Keywords: resignification; national symbols; far right; neofascism; *Folha de São Paulo*.

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1 – Projeto de Debret para a primeira bandeira do Brasil independente (1820).....	13
FIGURA 2 – Bandeira Imperial do Brasil (1822-1889).....	14
FIGURA 3 – Bandeira Provisória da República brasileira (1889).....	16
FIGURA 4 – Bandeira nacional atual.....	17
FIGURA 5 – Página oficial de Bolsonaro para o Facebook.....	34
FIGURA 6 – Dio Patria Famiglia.....	35
FIGURA 7 – Associação Brazil Livre.....	36
FIGURA 8 – Assembleia da Ação Integralista Brasileira.....	37
FIGURA 9 – Bolsonaro presidente.....	43
FIGURA 10 – "Ustra Vive!".....	45
FIGURA 11 – Bolsonaro momentos antes do atentado contra sua vida.....	47
FIGURA 12 – Donald Trump momentos após atentado contra sua vida.....	47
FIGURA 13 – “Não escute o genocida, use máscara”.....	50
FIGURA 14 – Fome para o povo, mansão para os filhos.....	51
FIGURA 15 – 7 de Setembro.....	53
FIGURA 16 – O 2º turno.....	56
FIGURA 17 – O "ok" de Filipe Martins.....	62
FIGURA 18 – Frases de Jair Messias Bolsonaro.....	63
FIGURA 19 – Brasil acima de tudo.....	64
FIGURA 20 – Exibição nazista derruba secretário da Cultura do governo Bolsonaro.....	66
FIGURA 21 – Roberto Alvim.....	67
FIGURA 22 – Joseph Goebbels.....	67
FIGURA 23 – Pela 4ª vez, atos pedem impeachment de Bolsonaro.....	69
FIGURA 24 – Ato resgata bandeira brasileira e camisa da seleção.....	71

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. A ASSOCIAÇÃO DA FIGURA DE JAIR MESSIAS BOLSONARO AOS SÍMBOLOS NACIONAIS.....	23
2.1 A ASCENSÃO DAS DIREITAS LATINO-AMERICANAS.....	28
2.2 A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA E O SEU RESGATE MEMORIAL PELO MOVIMENTO BOLSONARISTA.....	32
2.3 O JORNAL <i>FOLHA DE SÃO PAULO</i>	37
2.4 ANÁLISE DE PUBLICAÇÃO DA <i>FOLHA DE SÃO PAULO</i>	40
3. REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS DA DIREITA E DA ESQUERDA BRASILEIRAS.....	48
3.1 ANÁLISE DE PUBLICAÇÕES DA <i>FOLHA DE SÃO PAULO</i>	52
4. DA MÍDIA TRADICIONAL ÀS NOVAS REDES SOCIAIS: BOLSONARISMO, <i>FOLHA DE SP</i> E REDES SOCIAIS.....	58
4.1 IDEOLOGIAS NEOFASCISTAS SIMBOLIZADAS NA PROPAGANDA E COMUNICAÇÃO COM A POPULAÇÃO BRASILEIRA.....	61
4.2 ANÁLISE DE PUBLICAÇÃO DA <i>FOLHA DE SÃO PAULO</i>	65
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
REFERÊNCIAS.....	74

1. INTRODUÇÃO

Um símbolo é, pela definição do dicionário *Aurélio*, “aquilo que, por sua forma e natureza, evoca, representa ou substitui, num determinado contexto, algo abstrato ou ausente: “O Sol é o símbolo da vida”, “A água é o símbolo da purificação.” (LUZ, 2005, p.13). Um símbolo nacional é, em suma, um objeto que carrega em si a representatividade imagética do poder do Estado-Nação, demonstrando visualmente a ideia por detrás desta potência através de um simbolismo. Assim, consegue-se representar toda uma ideologia de Estado através da sua visualidade, na representação de um símbolo que é reconhecido imediatamente pela comunidade nacional.

Benedict Anderson em *"Comunidades Imaginadas"*, livro no qual estuda a construção do sentimento de pertencimento dentro das comunidades nacionais, e o imaginário por detrás da ideia de nação, identifica a nação como "uma comunidade política imaginada - e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana." (ANDERSON, 1983, p.32). A definição vem da noção de que mesmo em pequenas nações é praticamente impossível conhecer todos os seus compatriotas, embora o sentimento de pertencimento àquela sociedade permaneça.

"As comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas." (ANDERSON, 1983, p.33). Nesse sentido, o bolsonarismo se apropria de um símbolo nacional reconhecido pela comunidade imaginada. A bandeira é um símbolo dessa nação, e o bolsonarismo, através de um discurso de defesa da pátria e de valores morais, reivindica-se como único defensor legítimo desse símbolo.

O recorte temporal escolhido para este trabalho vai de 2018 a 2022, visando compreender o período de campanha eleitoral e mandato de Jair Messias Bolsonaro, sendo assim necessário primeiramente discorrer de maneira breve sobre os diferentes modelos que os símbolos nacionais já possuíram, além de tratar sobre momentos históricos em que os mesmos foram cooptados por diferentes grupos, para compreender de maneira mais efetiva como esse tipo de movimentação simbólica ocorre.

De início analisarei alguns exemplares de bandeiras que antecedem ou influenciam diretamente o modelo atual, visando não me adentrar muito em aspectos que não contribuam à discussão tratada nesta monografia, mas sim, tendo como

objetivo gerar uma breve discussão que auxiliará comparativamente um entendimento dos diversos elementos presentes em diferentes exemplares das bandeiras nacionais.

O ensaio "*De cómo reemplazar a un rey: retrato, visualidad y poder en la crisis de la independencia (1808-1830)*", de Natalia Majluf trata sobre a despersonalização do poder no período de transição do sistema monárquico colonial para as novas repúblicas sul americanas, despersonalização que agrega a esse trabalho de monografia por demonstrar a materialização do Estado-nação em símbolos, e não mais na figura do rei.

Lefort lo describe como una implosión simbólica, que tiene su origen en la caída del monarca. «La revolución democrática —nos dice— estalla cuando se destruye el cuerpo del rey, cuando cae la cabeza del cuerpo político, cuando al mismo tiempo se disuelve la corporeidad de lo social». Si ya «no hay poder ligado a un cuerpo»,²⁵ ¿cómo imaginar el Estado? Lefort plantea que el lugar del poder queda ahora vacío, una proposición que se afirma sobre la comprobación de que la despersonalización supone un desdoblamiento, que separa para siempre la figura del gobernante de la del Estado (MAJLUF, 2013, p.84)

Como é constatado por Majluf, há um processo de ressignificação e despersonalização do poder, que agora não estaria mais no Rei, mas sim no Estado, o qual, enquanto entidade abstrata, seria representado pela bandeira - essa mudança categórica dos símbolos nos ajuda a compreender a importância delegada à bandeira nacional após a queda da monarquia e instauração das repúblicas sul americanas.

En esta escenificación, la bandera nacional toma el lugar que antes ocupaba el retrato del monarca en las celebraciones de proclamación. Las ceremonias de jura forjan así una permanente —aunque en realidad falsa— equivalencia entre el pendón (como sucedáneo del retrato del rey) y las banderas nacionales, que reciben el tratamiento que antes merecía la imagen real (MAJLUF, 2013, p.86 -87)

A transposição recorrente na tentativa de identificar a colocação mais adequada para a bandeira traça o momento de readequação à queda da figura real e do absolutismo em contraposição à república. Destacando a descentralização de poder presente no ato de se substituir o retrato real em detrimento da bandeira republicana, dá-se um novo objeto de representatividade, a bandeira como significado máximo de soberania política.

A despersonalização do poder é representada pelo deslocamento da figura imagética do rei para a bandeira nacional, ou seja, o poder deixa de ser

centralizado em um indivíduo e passa então para uma entidade abstrata, ou comunidade imaginada, como definido por Anderson (1983), a nação.

Tratarei agora de analisar quatro bandeiras que fizeram parte da história brasileira, e também da história portuguesa, a fim de destacar elementos imagéticos representativos e pertinentes para a construção do imaginário presente na atual bandeira. A finalidade desse segmento é a de exemplificar quais são os significados imbuídos na mesma, e porque devem representar a nação brasileira, e não um movimento político.

Figura 1 – Projeto de Debret para a primeira bandeira do Brasil independente (1820)



Fonte: LUZ, M. A história dos Símbolos Nacionais (2005).

A coloração verde foi utilizada pelos povos Lusitanos nas resistências contra as legiões romanas, e na guerra contra os povos mouros, também conhecidos como muçulmanos. A cor verde também se apresenta importante dentro da sociedade portuguesa por ser a cor utilizada por Fernão Dias Pais Leme (1608-1681), o famoso bandeirante conhecido como Governador das Esmeraldas.

O verde está imageticamente correlacionado à liberdade dentro do imaginário da época, à resistência e à vitória para os portugueses, o que explicaria sua

utilização emblemática desde os primeiros projetos de bandeiras brasileiras, tendo em vista que a mesma evoca uma memória coletiva de lutas ganhas.

O amarelo passou a aparecer no brasão de armas de Portugal a partir de 1250, logo depois da conquista do Algarve, e representa castelos dourados (amarelos), que são as fortalezas conquistadas pelos Lusitanos dos povos mouros. A cor também evoca a memória do Reino de Castela, um dos principais reinos cristãos e, do qual Portugal fez parte durante o processo de unificação ibérica (1580-1640).

O azul e o branco foram cores adotadas pelo Condado Portucalense, fundado em 1097, quando D. Henrique de Borgonha criou a "Bandeira da Fundação". Tal bandeira foi utilizada por seu filho, Afonso Henriques na Batalha de Ourique contra os mouros, onde o desenho é refeito, porém se mantém com as mesmas cores, levando adiante a mesma combinação de cores.

Posteriormente, azul e branco passaram a ser utilizados pelos capitães feudais, e viram característica frequente de símbolos militares, estando presentes em diversos brasões, flâmulas, e, mais evidentemente, no escudo da Armada do Brasil. Tendo destaque em dois importantes símbolos: a bandeira do cruzeiro, e a flâmula de fim de comissão, sendo assim, azul e branco são cores que remetem ao militarismo português.

Figura 2 – Bandeira Imperial do Brasil - (1822-1889)



Fonte: Wikipédia. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bandeira_do_Imp%C3%A9rio_do_Brasil>. Acesso em: 11 set. 2024.

Todos os elementos figurativos presentes na Bandeira nacional estão lá por uma série de motivos, entre eles porque remetem a eventos históricos considerados relevantes pelos governantes, os quais contribuem para a construção dos imaginários nacionais, que vão sendo ressignificados trazendo elementos culturais intrinsecamente importantes para a memória desses símbolos. Logo, é relevante para a discussão realizarmos uma exemplificação histórica sobre os significados imagéticos por trás dessas cores e símbolos.

No livro *"A História dos Símbolos Nacionais: A Bandeira; O Brasão; O Selo; O Hino"*, Milton Luz visa demonstrar a história dos símbolos nacionais desde suas concepções, analisando de maneira incessante as particularidades presentes em cada um, pois: "Ao saber o como e o porquê dos nossos emblemas máximos, dos nossos símbolos augustos da Pátria, mais fácil se tornará a todos nós brasileiros brasoná-los, honrá-los, defendê-los e preservá-los como seus devotados guardiões" (LUZ, 1999, p.14).

Convindo dar a este Reino do Brasil um novo tope nacional, como já lhe dei um escudo de armas: hei por bem (...) ordenar o seguinte: o laço ou tope nacional brasiliense será composto das cores emblemáticas – verde de primavera e amarelo d'ouro – na forma do modelo anexo a este meu decreto. A flor no braço esquerdo, dentro de um ângulo d'ouro, ficará sendo a divisa voluntária dos patriotas do Brasil que jurarem o desempenho da divisa – Independência ou Morte – lavrada no dito ângulo (LUZ, 1999, p.21).

Luz (1999), ao tratar do dia 7 de setembro de 1822¹, e discorrer sobre o grito de "Independência ou morte", relembra que seguiu-se após o de "Laços Fora!"², que significou a retirada dos topes militares portugueses azuis e brancos que D. Pedro I (1798-1834) e sua guarda de honra utilizavam em detrimento da implementação dos novos laços verde e amarelos, em uma ação simbólica que remeteria à emancipação política do Brasil em relação à coroa portuguesa. Em 18 de setembro, deu-se o decreto que instituiu a criação da bandeira nacional e outro, que instituiu o "tope nacional brasiliense".

O significado por trás da escolha da cor verde, como explica Milton Luz, remonta à uma tradição de mais de dois mil anos, pois, segundo crônicas portuguesas, os povos lusitanos hasteavam uma bandeira branca com a imagem de

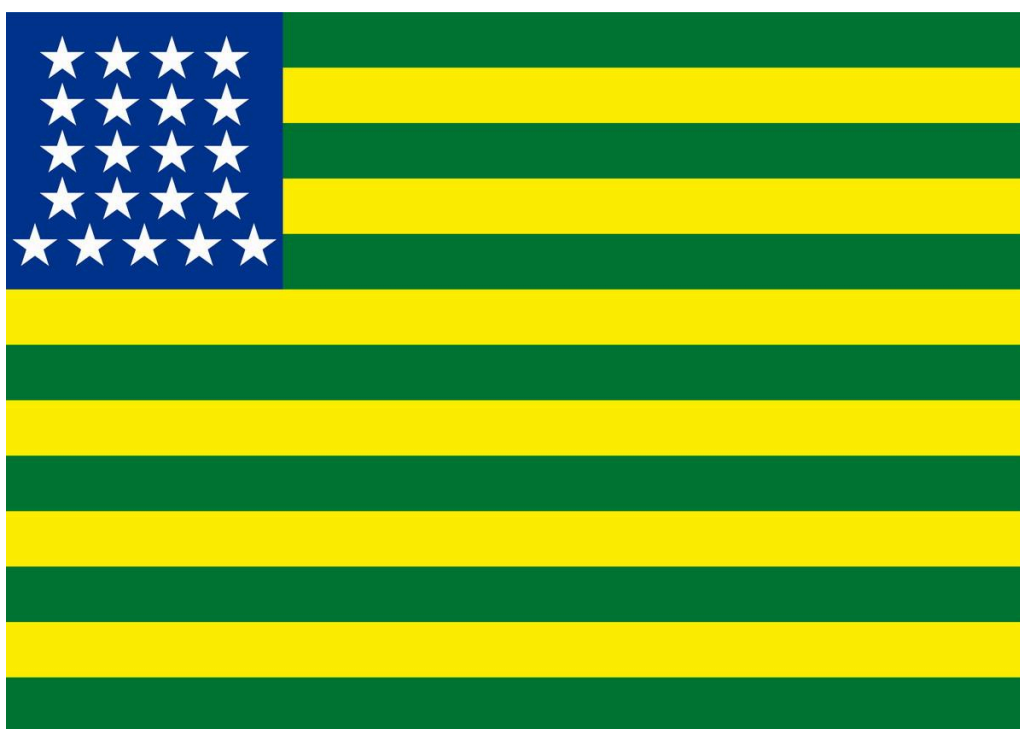
¹ O dia 7 de setembro de 1822 marca a proclamação da independência do Brasil, sendo uma construção posterior a data e que a consagrou no imaginário nacional como o dia da independência, embora essa tenha sido um processo mais longo e complexo.

² O movimento de "Laços Fora" significou o rompimento dos laços entre o Brasil e Portugal, imageticamente ilustrado pela mudança nas cores dos laços.

um dragão verde - o qual podemos identificar centralizado e abaixo da cruz no projeto de Debret da primeira bandeira nacional, a qual veremos à seguir.

Após contextualizar as cores que compõem uma série de bandeiras nacionais brasileiras, a seguir há uma transição para o Brasil República, representada pela primeira bandeira republicana. A bandeira provisória da república brasileira foi utilizada por apenas quatro dias, entre 15 e 19 de novembro de 1889, e visualmente apresentou similaridades com a bandeira estadunidense.

Figura 3 – Bandeira Provisória da República brasileira (1889)



Fonte: Elo7. Disponível em:

<<https://www.elo7.com.br/bandeira-historica-do-brasil-provisoria-da-republica-058601/dp/19BE296>>.

Acesso em: 11 set. 2024.

Um ponto de interessante na análise dos elementos dessa bandeira é que a mesma marcou simbolicamente o rompimento com o império, pois as bandeiras anteriores sempre representaram o brasão português, ou a cruz da ordem de Cristo³, presente na primeira bandeira, ambos símbolos que contêm associações diretas com Portugal.

É possível compreender a importância atribuída aos signos ideológicos através da relevância imaterial que os símbolos nacionais carregam em si, onde seu

³ A cruz da ordem de Cristo simboliza o expansionismo da religião cristã, e é o principal símbolo relacionado imageticamente à Portugal, tendo sido utilizado previamente durante as cruzadas.

caráter fundamental para a formação de um ideal coletivo de nação é destacado, evocando uma participação coletiva na construção de uma sociedade, e sendo essencial na construção de uma comunidade imaginada.

Figura 4 – Bandeira nacional atual



Fonte: Gov.br. Disponível em:

<https://www.gov.br/planalto/pt-br/conheca-a-presidencia/acervo/simbolos-nacionais/bandeira/bandeira-grande.jpg/view>. Acesso em: 11 set. 2024.

Tomaram então a bandeira imperial, conservaram o fundo verde, o losango amarelo e a esfera azul. Retiraram da calota os emblemas imperiais: a cruz, a esfera armilar, a coroa, os ramos de café e tabaco. As estrelas que circulavam a esfera foram transferidas para dentro da calota. A principal inovação, a que gerou maior polêmica, a que ainda causa resistência, foi a introdução da divisa "Ordem e Progresso" em uma faixa que, representando o zodíaco, cruzava a esfera em sentido descendente da esquerda para a direita (CARVALHO, 1990, p.112).

O trecho acima nos mostra de maneira didática a transformação da bandeira imperial na bandeira que vem sendo utilizada desde 1889, representando uma metamorfose das principais características da bandeira imperial, que, em conjunto com a retirada de alguns elementos presentes na bandeira portuguesa, e implementação de novos, entre eles, o lema positivista de Auguste Comte⁴ "Ordem e

⁴ Auguste Comte foi um sociólogo e filósofo francês, conhecido amplamente por ser considerado o criador da corrente de pensamento positivista.

Progresso", desenvolve uma bandeira que reflete os valores e a tradição projetadas para a construção dessa nova nação.

No início do século XX, o hino à bandeira, com letra de Olavo Bilac⁵, enfatiza as novas significações para as cores da bandeira nacional, que podem ser observadas nos seguintes versos:

"Em teu seio formoso retratas
Este céu de puríssimo azul,
A verdura sem par destas matas,
e o Esplendor do Cruzeiro do Sul (BILAC, Olavo, 1906).

Os processos de ressignificação e apropriação desses símbolos permanecem em processo ao longo da história nacional brasileira, movimento que é analisado mais adiante neste trabalho.

O texto de Luciana Saratt da Silva, introduzido à seguir, fala sobre os signos ideológicos nacionais como fontes identitárias da direita brasileira, e nos auxiliará a compreender os períodos de 2013-2016, (gestão Dilma), e, 2019-2022, (gestão Bolsonaro), e possui verossimilhança em tema e período com este trabalho acadêmico, trazendo outra perspectiva e fonte analítica ao nosso objeto de estudo.

No trecho a seguir, Saratt comenta sobre a Bandeira Provisória da República brasileira, compreendendo que seu uso foi abrupto por haver uma necessidade de se livrar de elementos que continham associações ao regime imperial o quanto antes, e também, aproveitando para realizar uma reflexão sobre a reacentuação da bandeira nacional, movimento que ela considera haver se repetido durante as manifestações populares que vieram a ser chamadas de *jornadas de junho*⁶.

[...] o primeiro motivo para o desuso da bandeira era sua ligação aos ideais imperiais, por isso é importante destacar que a potencializada reacentuação da bandeira entre 2013 e 2020 não é um movimento isolado na história brasileira porque encontra ecos de movimentos passados (SARATT, 2020, p.23).

A partir dessa reflexão feita por Luciana Saratt da Silva, observamos que a ressignificação da bandeira nacional entre os anos de 2018 e 2022 não representa um movimento isolado, mas sim um momento que apresenta características que remetem a outros processos históricos, como por exemplo as *jornadas de junho*.

⁵ Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (1865-1918) foi um poeta, jornalista e escritor nascido no Rio de Janeiro sendo considerado o principal representante do parnasianismo no Brasil.

⁶ As Jornadas de Junho representaram um conjunto de manifestações de grande porte que marcaram o panorama nacional, por representarem a transformação de um movimento de nicho criado pelo *movimento passe livre, que*, a fim de ir contra o aumento da tarifa de 20 centavos do transporte público na cidade de São Paulo, teve seu movimento transformado e cooptado pela mídia e pela direita brasileira, passando assim a representar uma luta partidária que levou ao processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff, em 31 de agosto de 2016.

As *jornadas de junho de 2013* são de extrema relevância para compreender como ocorreu de maneira tão ágil a incorporação da bandeira nacional ao movimento bolsonarista, por procederem de maneira próxima ao nosso recorte temporal, e estarem diretamente ligadas ao desenvolvimento de uma dualidade entre a direita e a esquerda brasileira.

O trabalho de dissertação de Guilherme Henrique Piaz Paslauski, intitulado "Os protestos das jornadas de junho de 2013 na ótica e na posição do jornal *Folha de São Paulo*" trata explicitamente sobre as *jornadas de junho*, analisando de maneira comparativa a forma com que o jornal brasileiro notícia as manifestações, em comparação com a forma com que o mesmo veículo de comunicação lida com as manifestações antiglobalização ocorridas em 1999, na cidade de Seattle, nos Estados Unidos da América.

Durante a repercussão de notícias sobre as *jornadas de junho de 2013*, Paslauski constata uma parcialidade no tratamento do caso brasileiro, caracterizada por uma proteção de atos de violência por parte das forças policiais, e criminaliza o movimento em seus primeiros passos, o exaltando apenas com a entrada das pautas antipetistas, ação que, em contraposição ao caso ocorrido nos Estados Unidos, traz à tona a diferença de tratamento dada pelo jornal à ambos os eventos.

O jornal *Folha de São Paulo* é parte essencial nessa pesquisa, por ser a base para compreendermos o que estava sendo transmitido para a população durante a época de maior efervescência do movimento bolsonarista. Porém, o mesmo não pode, e nem deve ser tratado como um veículo de informação neutro e desprovido de julgamentos próprios, pois: "Desde sua criação em 1921, o jornal pertenceu a diferentes proprietários e defendeu diferentes posições e opiniões" (PASLAUSKI, 2021, p.23).

No capítulo "*História dos, nos e por meio dos periódicos*", parte do livro "*Fontes Históricas*", organizado por Carla Bassanezi Pinsky, Tania Regina de Luca analisa a relação do sujeito historiador com as fontes de imprensa, traçando um panorama que exemplifica os diferentes tratamentos dados à utilização dos periódicos como fontes historiográficas.

Não se pode desprezar o peso de certa tradição, dominante durante o século XIX e as décadas iniciais do XX, associada ao ideal de busca da verdade dos fatos, que se julgava atingível por intermédio dos documentos, cuja natureza estava longe de ser irrelevante. Para trazer à luz o acontecido, o historiador, livre de qualquer envolvimento com seu objeto de estudo e senhor de métodos de crítica textual precisa, deveria valer-se de

fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade, credibilidade, além de suficientemente distanciadas de seu próprio tempo. Estabeleceu-se uma hierarquia qualitativa dos documentos para a qual o especialista deveria estar atento. Nesse contexto, os jornais pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas "enciclopédias do cotidiano" continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez de permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas. (LUCA, 2015, p.112)

As questões levantadas por Luca indagam sobre a veracidade atribuída aos periódicos, os quais devem ser utilizados tendo em mente que refletem tensões e argumentações próprias do momento histórico no qual estão situados, contendo também a contribuição de uma série de pessoas com posicionamentos distintos, e que muitas vezes resultam em um texto final de opiniões múltiplas.

A neutralidade jornalística é uma meta que se encontra muitas vezes impossibilitada pela necessidade de se vender o jornal a todo custo dentro da *sociedade do espetáculo*⁷, necessidade que, em conjunto ao interesse de acionistas e dos donos do jornal, muitas vezes direciona o viés das informações que serão publicadas.

Dentro de um mercado interno que visa o lucro como principal meta, necessário para a continuidade das instituições, se utilizar de manobras para que o seu produto atraia mais compradores é uma necessidade, o que, na definição de Maria Helena Capelato, trazida por Paslauski: “na grande imprensa, onde se mesclam interesses políticos e de lucro, os recursos para a sedução do público são indispensáveis.” (PASLAUSKI, 2021, p.23). Logo, o sensacionalismo, o partidarismo, e a ocultação de dados, infelizmente são algumas das práticas que encontrei com frequência realizando a análise do material jornalístico aqui presente.

Considerada a maior concentração popular das últimas décadas no Brasil, as Jornadas de Junho de 2013 mostraram não só ao Brasil, mas para o mundo, o amplo descontentamento das massas, sendo que os protestos ficaram marcados por ter seu eixo principal na defesa por mais direitos sociais, como transporte público barato ou gratuito, mas de qualidade, melhoria nos sistemas de saúde, educação e segurança pública, pautas que se tornaram o carro chefe das manifestações (PASLAUSKI, 2021, p.72).

O tema das jornadas de junho traz à tona o caráter popular com que se iniciou a onda de protestos, apontando as principais reivindicações que representaram o início das manifestações populares. A pauta inicial do movimento

⁷ A sociedade do espetáculo é um conceito criado pelo filósofo francês Guy Debord, que entende na sociedade capitalista contemporânea uma necessidade constante em exaltar um estilo de vida, e de se espetacularizar as próprias posses.

foi o aumento da tarifa do transporte público paulistano, aprovada pelo então prefeito da cidade de São Paulo, Fernando Haddad, que tomou o ajuste como rotineiro, e o via de maneira positiva por representar um aumento proporcionalmente abaixo da inflação do ano.

Como é possível que, no contexto das primeiras reivindicações das *Jornadas de junho*, um movimento originário da cidade de São Paulo e com uma pauta inicial bem definida, tenha se tornado um movimento que passou a representar a luta contra a corrupção no país todo? Para responder essa questão, é necessário compreender o papel e o poderio da mídia brasileira nisso tudo.

As manifestações das Jornadas de Junho marcam a história presente do Brasil, por serem na essência, um movimento de contestação popular, organizado por estudantes e trabalhadores, sem uma liderança central e pela defesa de diferentes pautas, sendo caracterizado como um movimento heterogêneo, que sofreu inúmeros ataques por parte do Estado como da grande imprensa nacional desde o seu início (PASLAUSKI, 2021, p.71).

As *Jornadas de Junho* foram noticiadas de forma relativamente parelha pela mídia brasileira, já que uma das suas características, segundo o documentário "A nossa bandeira jamais será vermelha", é uma formação de "cartel" (quando há manipulação total sobre a notícia que será bombardeada em massa à população brasileira), facilitando o controle das informações midiáticas pelas grandes corporações jornalísticas, como Grupo Globo⁸; Grupo SBT⁹; Grupo Record TV¹⁰; Grupo Bandeirantes¹¹; e Grupo Folha¹².

"A situação do Brasil é muito preocupante, e que, até agora, sobre o trabalho do Repórteres sem Fronteiras¹³, é o país onde há o maior nível de concentração [de

⁸ O Grupo Globo é o maior conglomerado de mídia e comunicação na América-Latina. Foi fundado em 28 de julho de 1925 no Rio de Janeiro.

⁹ O Grupo SBT, ou Grupo Silvio Santos, é um dos maiores do Brasil, integrando o SBT (Sistema Brasileiro de Televisão), o segundo canal de TV aberta mais acessado do Brasil. Foi fundado em 19 de agosto de 1981.

¹⁰ O Grupo Record TV engloba o Record News, canal que tem por ideal a apresentação de notícias 24 horas por dia, além do canal Record, disponível na tv aberta e criada tendo em vista um aumento no telejornalismo brasileiro. É a terceira maior emissora brasileira e foi fundada em 27 de setembro de 1953.

¹¹ O Grupo Bandeirantes de comunicação iniciou suas atividades com a rádio bandeirantes, e atualmente possui diversas frentes na produção e veiculação de notícias no Brasil. Foi fundado em 6 de maio de 1937.

¹² O Grupo Folha é um dos principais conglomerados de mídia no país, e contém o Datafolha, o Jornal Folha de São Paulo, o site folha.com.br, e é sócia da SPDL, empresa de distribuição e logística com o jornal "O Estado de São Paulo". Fundada em 1921.

¹³ O Repórteres sem Fronteiras é uma organização não governamental internacional que visa contribuir para garantir o direito à liberdade de informação e de imprensa. Fundada em 1985 na França.

informação]". (COLOMBIÉ, Manuel. *"A nossa bandeira jamais será vermelha"*¹⁴, 2019). Tais informações se concentram em um pequeno grupo de pessoas que definem entre si o que será noticiado pela grande mídia - são esses participantes de grupos que representam os interesses de grandes corporações.

A escolha de trabalhar com as capas dos jornais vem da visibilidade dada às mesmas pelo grande público. Muitas vezes um jornal não é lido por completo quando folheado, ou não é nem mesmo folheado, mas, de maneira mais rotineira, pode ser observada sua manchete por qualquer pessoa ao caminhar em frente a uma banca de jornal, ou acessar as principais notícias do dia pela internet. O que quero exemplificar é que as capas são muito mais vistas do que os jornais em si, e, logo, possuem a difícil tarefa de fisgar o leitor, chamá-lo e convencê-lo a olhar para o seu material, instigá-lo e criar uma inquietação, transmitindo através daquela primeira capa a notícia mais importante do dia.

As manchetes tendem, por uma necessidade intrínseca do jornalismo, a apresentar um posicionamento do jornal e expressar os assuntos mais relevantes e atrativos em suas capas, o que, por si só, transmite um tom imponente ao que está ali na frente em destaque.

A escolha de utilizar apenas cinco capas do jornal *Folha de São Paulo* foi feita após um trabalho de análise individual das edições desde primeiro de janeiro de 2018 até trinta de dezembro de 2022, onde foram analisados padrões de conteúdo imagético e elementos que poderiam contribuir para o desenvolvimento das análises, sendo então feito um recorte que possibilitaria um aprofundamento das discussões acerca das capas.

A hipótese deste trabalho de monografia é a de que, através da análise de publicações do Jornal *Folha de São Paulo*, seria possível observar como houve uma insistência em associar Jair Bolsonaro e seus apoiadores aos símbolos nacionais brasileiros entre 2018 e 2022.

Para tal análise, escolhi cinco primeiras páginas, as quais identificam a assimilação da imagem de Jair Messias Bolsonaro aos símbolos nacionais; a dicotomia entre a esquerda e a direita brasileira em suas respectivas representações

¹⁴Disponível em:

https://www.primevideo.com/-/pt/region/na/detail/0U8IG8DVVIJFA44B0F7WO5SRLF/ref=atv_sr_fle_Tn74RA_1_1_1?sr=1-1&pageTypeIdSource=ASIN&pageTypeId=B08NK9CXRJ&qid=1710790045246

na *Folha de São Paulo*; e a ressignificação das cores nacionais em um ato de retomada dos símbolos nacionais feito por um movimento de esquerda.

As capas escolhidas são originárias de um recorte e análise feitos em uma seleção de todas as edições do jornal *Folha de São Paulo* veiculadas entre 2018 a 2022. Assim, optei por utilizar apenas as que possuíam relações explícitas com a ressignificação dos símbolos nacionais, além de conter associações ou acenos ao bolsonarismo em concomitância com esses símbolos.

2. A ASSOCIAÇÃO DE JAIR MESSIAS BOLSONARO AOS SÍMBOLOS NACIONAIS

A confusão entre governo e Estado, identificada no movimento bolsonarista tanto pelas ações dos seguidores quanto nas do próprio ex-presidente Jair Messias Bolsonaro parte da negação da realidade política democrática, onde o governo representa o partido que está no poder, e o Estado a totalidade da estrutura política, contendo o sistema judiciário, legislativo e executivo.

Majluf, além de analisar a transição do poder da monarquia para a República, também dá exemplos de como pode ser desastroso na República a indissociação do poder de Estado e do governo, como ocorreu com Simón Bolívar.

En la identificación de su persona con el Estado, Bolívar pretende darle al poder una nueva corporeidad, que devuelva a la sociedad el orden perdido. Pero a diferencia del rey, su poder no es dado: debe construirse y negociarse en los términos de una comunidad política ampliada. Ante la desaparición del poder absoluto del monarca, la alternancia en el gobierno se hace inevitable, pues incluso allí donde la identidad del mandatario se funde con la del Estado, resulta imposible superar la limitación insalvable de la propia mortalidad del gobernante, que impide la trascendencia del cargo. Por ello, para legitimar su propuesta, Bolívar se ve obligado a imponerse límites, que quedan representados en la mutilación de su propio cuerpo, convertido en una imagen monstruosa, la de un torso sin cabeza y con las manos ligadas (MAJLUF, 2010, p.103-104).

A imagem do monarca e do Estado para Majluf, nesse contexto, contém o mesmo significado político, portanto não há distinção entre um e outro. Porém, em uma democracia, não pode ocorrer a mesma coisa, pois isso se classificaria como um poder ditatorial, onde o controle de todos os poderes estariam reunidos em uma pessoa só, descaracterizando o próprio conceito de democracia.

Como observado por Majluf, a imagética de uma nação atrelada à figura de um líder político não é uma novidade no campo da historiografia por proceder de outros movimentos políticos. Importante ressaltar que no caso do texto de Majluf

estamos tratando de uma monarquia, onde o poder do monarca é considerado divino e concedido por Deus, enquanto no caso da república o poder deve ser atribuído pelo próprio povo. Há uma diferenciação base na fonte do poder atribuído à figura do rei e à figura do presidente, o que auxilia na compreensão das diferenças entre ambos os regimes e em suas relações simbólicas, calcadas em seus próprios momentos históricos.

A substituição e "caçada" dos retratos de Bolívar exemplificam a transferência do poder simbólico que passa da figura do governante para o escudo nacional, realocando o poder em um processo de reconstrução interna da organização política e demonstração da soberania nacional.

El artista que había multiplicado los retratos del último de los monarcas borbones en la región, que retrató luego a prácticamente todos los héroes y gobernantes que asumieron el mando político de las nuevas repúblicas de Bolivia, Chile y el Perú, cerraba con esta pintura del escudo nacional un ciclo de representaciones que configuraron la imagen política de la nación emergente (MAJLUF, 2010, p.105).

El encargo anuncia el proceso antibolivariano que se desata en el Perú tras la caída del libertador. Al asumir la presidencia del Congreso, Luna Pizarro designa como presidente de la república a José de la Mar y emprende un agresivo proceso de recomposición del poder interno. Se restituye a los militares alejados del país por Bolívar y se inicia una campaña iconoclasta que tiene como objeto la imagen del general. Es así que el 13 de noviembre de 1827 se difunde una orden de La Mar en que se establece que: "en los tribunales de justicia, municipalidades, administraciones del Tesoro, y oficinas de Hacienda están bajo de docel retratos del jeneral Bolívar, y persuadido de que esto es mirado como una señal de reconocimiento de soberanía; ha dispuesto que se quiten inmediatamente, y que en su lugar se ponga el escudo nacional, en muestra que solo la nación es soberana" (MAJLUF, 2010, p.105).

Um ponto de interesse nessas movimentações é analisar esse ponto de transição onde a figura de uma pessoa passa a ser vinculada à um símbolo nacional durante determinado período, no caso de Bolsonaro incorporando a bandeira nacional ao mesmo passo em que altera seu significado a partir de um discurso próprio. Portanto, como ocorre esse processo?

No livro *"A formação das almas - imaginário da república no Brasil"*, de José Murilo de Carvalho, o autor analisa a relevância dos símbolos nacionais no processo de legitimação do poder no início da República brasileira, sua aceitação e contribuição para a formação de um imaginário coletivo próprio.

A elaboração de um imaginário é parte integrante da elaboração de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se pode atingir não só a cabeça, mas de modo especial o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem

suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro (CARVALHO, 1990, p.10).

A importância da afirmação desse imaginário dentro da elaboração de um regime político é colocada como crucial para Carvalho, pois garante a conexão do povo com o partido que está no poder. Dentro dessa perspectiva, a bandeira nacional e a camisa canarinho¹⁵ da seleção brasileira de futebol são símbolos estratégicos por já estarem inseridos no imaginário coletivo dos brasileiros, sendo sua cooptação pelo movimento bolsonarista uma manobra política que visa dialogar com o público específico de apoiadores do regime de Bolsonaro.

A criação de um imaginário coletivo que representasse a ligação da extrema-direita aos símbolos nacionais durante o governo Bolsonaro expressa de maneira precisa o ponto de partida que iniciou a elaboração deste trabalho acadêmico - uma visualidade presente coletivamente, e, que permeia de maneira similar o imaginário coletivo de uma nação.

Imageticamente, o uso das cores nacionais, ou da bandeira nacional passa a significar alinhamento ideológico à figura de Bolsonaro pela criação de um imaginário coletivo que entende esses usos como próprios dos apoiadores do ex-presidente.

Para a efetivação do uso dos símbolos nacionais como referentes ao movimento bolsonarista, é possível observar a bandeira em destaque em grande parte do material da campanha à presidência de Bolsonaro. Também, o candidato à presidência carregava consigo a bandeira nacional nas manifestações e comícios, e, aos poucos, seus seguidores passaram a incorporar a mesma prática, fazendo da bandeira e das cores nacionais visualmente pertencentes a um alinhamento político.

A questão visual passa então a estabelecer o sentimento político do indivíduo, com pessoas que utilizam a camisa vermelha sendo associadas ao partido dos trabalhadores, o que por si só é lido como contraposição ao movimento bolsonarista, resultando em perseguições desses indivíduos em ambientes onde há predominância da extrema-direita brasileira.

Uma reação indireta dessa cooptação é que a bandeira nacional e camisa canarinho da seleção brasileira desaparecem das manifestações da esquerda brasileira, o que marca um ponto divisório na polarização visual direita e esquerda

¹⁵ A "camisa canarinho" (ou amarelinha) da seleção brasileira de futebol, como é conhecida popularmente por conta da sua coloração amarelo-canário, foi criada em 1950 por Aldyr Garcia Schlee.

brasileira, tratado no capítulo dois desta monografia - *A dicotomia figurada nas representações imagéticas da direita e da esquerda brasileira presentes no jornal Folha de São Paulo*.

Os ideais de alinhamento político ao movimento bolsonarista com relação a esses símbolos permearam o território brasileiro de maneira mais intensa entre os anos de 2018 e 2022, o que nos leva a análise da criação do "mito do herói", presente na construção da imagem de Bolsonaro.

Embora heróis possam ser figuras totalmente mitológicas, nos tempos modernos são pessoas reais. Mas o processo de "heroificação" inclui necessariamente a transmutação da figura real, a fim de torná-la arquétipo de valorização ou aspirações coletivas (CARVALHO, 1990, p.14).

A heroificação da figura de Bolsonaro se dá também através da criação de uma figura de hipermasculinidade, com direito à flexões televisionadas, armas de fogo em punhos e exaltação à sua virilidade, com falas como as do dia 7 de setembro de 2022, onde o ex-presidente puxou um coro junto aos seus apoiadores com os dizeres: "Imbrochável, imbrochável, imbrochável". Através de tais demonstrações, Jair conseguiu comunicar à população quais os ideais que o mesmo defendia, e atrelá-los à sua figura.

A figura do "mito", substantivo utilizado para qualificar Bolsonaro entre seus apoiadores, remonta à questão do mito do herói, o que retira a humanidade do indivíduo, fazendo com que o movimento bolsonarista possa se apoiar no mito criado, e não mais no homem.

O culto à virilidade masculina em torno de Bolsonaro faz muito sentido dentro da perspectiva da campanha eleitoral, tendo em vista os ideais conservadores presentes na imagética atrelada ao ex-presidente, onde o homem é o centro da família, o provedor, heterossexual, aquele que deve ser forte, tem poder de decisão superior à sua esposa, e precisa performar sua masculinidade para ser lido como "homem" dentro de um espectro social.

Na tentativa de dialogar com seu público alvo, Bolsonaro carrega algumas bandeiras eleitorais, pois defende a violência pela liberação do porte de armas de fogo, endossa a memória ao golpe de 1964, e apoia uma polícia mais opressiva, se utiliza do modelo de família nuclear¹⁶ na construção de sua imagem, evoca o ideal

¹⁶ A "Família Nuclear", ou família patriarcal é um conceito que surge no século XX, e diz respeito à formação familiar onde há um pai, uma mãe, e filhos biológicos - o conceito foi amplamente utilizado no ocidente durante a propaganda do *american way of life* (estilo de vida americano), no período entre-guerras (1918-1939).

cristão do cidadão de bem, e reitera continuamente a defesa da família tradicional, além de valorizar os ditos bons costumes do "cidadão de bem".

Apesar de defender posições ideológicas contrastantes, a campanha de Jair Bolsonaro foi analisada por muitos eleitores pela perspectiva da teoria dos dois demônios¹⁷, um argumento utilizado para relativizar ilegalidades cometidas por um lado ao apontar que o outro também "quebrou as regras". A relativização de crimes e a demonização da oposição são duas estratégias políticas presentes no período de campanha eleitoral e mandato de Jair Bolsonaro, estando presentes na criação do imaginário coletivo do brasileiro naquele momento.

A existência de um "imaginário afetivo", como descrito por Anderson, remete às qualidades encontradas na memória social em torno do passado de sua nação, essenciais representações do imaginário social nacional.

Anderson mostra o apego que os povos têm às suas imaginações e como são capazes de morrer por suas invenções. Os mexicanos retornam a um passado asteca ainda que não falem mais a língua; os uruguaios selecionam "um herói indígena", e os suíços recorrem sempre a seu "tradicional multilinguismo" quando essa realidade é absolutamente recente e data de finais do século XIX. Há todo um imaginário afetivo, e o que os olhos são para quem deseja, a língua é para o patriota. Por meio da língua, que conhecemos ao nascer e só perdemos quando morremos, restauram-se passados, produzem-se companheirismos, assim como se sonham com futuros e destinos bem selecionados (SCHWARCZ, Lilia Moritz. Em apresentação de: Comunidades Imaginadas, ANDERSON, 1991, p.14)

A idealização de um passado heroico que reflita os valores conservadores da "família tradicional" e a devoção ao Deus cristão são recursos estratégicos que mascaram a ausência de pautas no governo, trazidos por Jair Messias Bolsonaro ao longo de sua trajetória e comunicação com o povo brasileiro, junto com a defesa da ditadura cívico-militar brasileira (1964-1985), como podemos observar em seu discurso durante o processo de impeachment da ex-presidenta da república Dilma Rousseff (2016), inserido abaixo:

"Perderam em 64, perderam agora em 2016. Pela família, e pela inocência das crianças em sala de aula que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade. Contra o foro de São Paulo. Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff. Pelo exército de caxias, pelas nossas forças armadas. Por um Brasil acima de tudo, e por Deus acima de todos, o meu voto é sim!" (BOLSONARO, Jair Messias, 2016).

¹⁷ A "Teoria dos Dois Demônios" surge na Argentina no período pós ditadura militar, a qual foi de 1976 a 1983 durante uma comissão da verdade, realizada com o intuito de punir crimes contra a humanidade realizados durante a ditadura. A teoria implica que na presença de dois culpados (no caso defensores da ditadura de María Estela Martínez de Perón contra os grupos revolucionários que queriam o fim da ditadura) não seria possível culpabilizar um "mal maior", pois ambos os grupos haviam cometido atos ilegais.

Um ponto de interesse na análise do fragmento acima é a idealização de um passado histórico, a qual podemos caracterizar de maneira ressignificada como uma memória presente socialmente, ou seja, por essa interpretação algo que não é real, mas que dentro daquela mentalidade coletiva se torna tátil, e age como ferramenta de campanha por remeter aos anos de chumbo como se os mesmos fossem anos dourados.

O anticomunismo também foi uma pauta amplamente utilizada pelos bolsonaristas para endossar o apoio a Bolsonaro, que atrelavam o Partido dos Trabalhadores ao movimento por evocar um medo projetado no Brasil pela Guerra Fria, que, ainda presente dentro de um imaginário coletivo, equipara a presença do comunismo ao fim dos tempos e ao extermínio da democracia.

Essa pauta evoca um alinhamento com o pensamento Macartista, à era Reagan e Nixon, mas especialmente com o governo de Donald Trump (2017-2021), que, na época estava em pleno período de campanha eleitoral e prestes a ser eleito nos Estados Unidos. Muito do material presente nos discursos de Donald Trump é aproveitado por Bolsonaro, tanto que o mesmo durante sua vigência como presidente sempre buscou uma aproximação temática e política com o presidente estadunidense.

2.1 A ASCENSÃO DAS DIREITAS LATINO-AMERICANAS

A expansão da extrema-direita no panorama presidencial mundial nas últimas décadas, representada pelas lideranças de Donald Trump nos Estados Unidos (2017-2020), Javier Milei na Argentina (2023-presente), Benjamin Netanyahu em Israel (2005-presente), além de diversos outros, é um dos pontos de partida para o desenvolvimento deste trabalho acadêmico, em especial na análise de indivíduos e grupos caracterizados como neofascistas.

O neofascismo é uma definição utilizada por estudiosos para definir grupos que possuem características que remetem ao fascismo clássico em suas ideologias e métodos de atuação. Porém, por estarem inseridos na atualidade, possuem peculiaridades próprias ao seu momento histórico, entre elas a utilização das redes sociais para divulgação e comunicação.

O panorama presidencial latino-americano, marcado pela ascensão das "novas direitas" - terminologia utilizada por estudiosos como Fabrício Pereira da Silva - contempla exemplos como Jair Messias Bolsonaro (2019-2022) no Brasil; Santiago Peña (2023-atualmente) no Paraguai; e Javier Milei (2023-atualmente) na Argentina.

No livro "Direita, Volver! - o retorno da direita e o ciclo político brasileiro", organizado por Sebastião Velasco e Cruz, André Kaysel e Gustavo Cudas, é tratado o tema da recente popularização das direitas, tanto no âmbito de uma autoidentificação popular, quanto no avanço do número de figuras políticas que se caracterizam como de direita.

[...] o radicalismo é que historicamente foi a exceção entre nossos homens de ideias, sendo o conservadorismo o "maciço central" que dominaria nossa vida intelectual. Assim, a direita, ou melhor, as direitas têm no Brasil uma longa história, sem a qual a atual onda reacionária se torna incompreensível, como "um raio em céu azul" (CRUZ, 2015. p.49).

A separação entre o radicalismo de direita e o conservadorismo estrutural apontado por Cruz, auxilia na compreensão da permanência dos ideais conservadores que agora afloram pelo movimento de ascensão das novas direitas. Os ideais que são resgatados por Bolsonaro e outras figuras semelhantes fazem parte de um imaginário conservador predominante no país, e, que apesar de se encontrar moderado por uma proeminência de governos de esquerda, encontrou caminho para se reerguer e radicalizar-se expressivamente através de movimentos como o bolsonarismo.

[...] o golpe de 1964 foi o início de uma longa cadeia de eventos similares na América Latina, o que sugere que, ao responder à estratégia geopolítica dos EUA para a região após a Revolução Cubana (1959) e aos temores da burguesia local de que o nacionalismo reformista pusesse em questão as relações de propriedade, o golpe era, ao menos, um desfecho bastante plausível para a crise de hegemonia que se abriu em 1961 (CRUZ, 2015, p.66).

Alguns dos golpes que ocorreram na América Latina foram: Brasil (1964), Bolívia (1964), Argentina (1966), Bolívia (1972), Chile (1973), Uruguai (1973), Argentina (1976). Essa sequência de golpes ditatoriais que se alastrou pela América Latina, também apontada por Cruz (2019), possui diversas particularidades próprias em cada país analisado, porém, em um panorama geral é possível pensar essa corrente pelo viés da disputa de influências entre EUA e URSS durante a Guerra Fria, quando os EUA contribuíram através da ação de golpes de Estado em diversos países latinoamericanos como parte de sua disputa de influências, afastando os

países o máximo possível do comunismo, e reivindicando conexões políticas com os mesmos.

Em uma análise sobre as eleições brasileiras de 1989, a primeira após a redemocratização do país, escancara-se a polarização entre direita e esquerda, um movimento que será retomado em diferentes momentos da história nacional, entre eles as *Jornadas de Junho de 2013*, com as manifestações que pediam o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff. Dois pontos de interesse são encontrados, o primeiro é a questão da polarização partidária entre direita e esquerda, presente de forma mais recente tanto no processo eleitoral de 2018 entre Fernando Haddad (PT), e Jair Bolsonaro (PSL), e então em 2022, nas eleições que se decidiram entre Luiz Inácio Lula da Silva (PT), e Jair Bolsonaro (PL):

[...] o auge da polarização da sociedade civil brasileira se deu no segundo turno das eleições de 1989, quando as candidaturas de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Fernando Collor (PRN) encarnaram dois projetos antagônicos para o país (CRUZ, 2015, p. 69).

O tema da polarização entre direita e esquerda no campo político brasileiro e a influência da mídia para uma representação visual que reflita essa repartição social é aprofundado no capítulo 2 deste trabalho, intitulado *Representações imagéticas da direita e da esquerda brasileiras*.

O segundo ponto de interesse é a definição de *outsider* atribuída a Fernando Collor por Cruz (2019), o qual é um termo cunhado no inglês e traduzido literalmente como forasteiro, utilizado para representar a figura do político que se vende como externo ao campo da própria política, e, portanto, representa um novo paradigma de ruptura com o antigo cenário - caracterizado pela corrupção, dentro do imaginário social. O termo vem sendo utilizado para denominar políticos como Donald Trump, João Dória, Javier Milei, e até mesmo Jair Bolsonaro - que está há tantos anos na política.

Collor, um *outsider* sem uma sólida base partidária, não logrou o apoio político suficiente para sustentar-se no poder, sendo afastado por um processo de *impeachment* em 1992. A consolidação de uma hegemonia neoliberal só viria em 1994, com a vitória de Fernando Henrique Cardoso nas eleições presidenciais, candidato pela coligação PSDB-PFL (CRUZ, 2015, p. 69).

Ao rememorar épocas anteriores do país e traçar um panorama sobre os antigos movimentos brasileiros proeminentemente de direita, destacando suas particularidades, a questão que é ressaltada por Cruz (2019) nesta passagem final é a existência de "linhagens de pensamento que perpassam nossa história política"

(CRUZ, 2015, p.71). Ao aludir sobre a permanência de um imaginário coletivo próprio, tanto com relação à esquerda quanto à direita, é possível refletir sobre o imaginário político ao qual as novas direitas se apropriam, demonstrando que os processos históricos não surgem e desaparecem simplesmente, mas transacionam, levando consigo ideais que influenciam de maneira direta movimentos futuros.

É evidente que a sociedade brasileira mudou extraordinariamente ao longo do século passado e no início deste, mudando também os conteúdos dos discursos políticos que disputam seus rumos. Entretanto, nas últimas quatro décadas, diversos estudiosos do pensamento político-social brasileiro têm identificado a existência de longas “tradições”, ou “linhagens” de pensamento que perpassam nossa história política, cruzando o espectro esquerda-direita (Santos, 1978; Vianna, 1997; Brandão, 2007; Lynch, 2015). Assim, muitos dos discursos – tanto liberais como conservadores – que hoje conformam o imaginário político das direitas brasileiras possuem uma história que data do século XIX. Daí a necessidade, aludida no título, de “regressar ao regresso” e buscar a genealogia desses discursos (CRUZ, 2015, p.71-72).

No livro *"América Latina em seu labirinto: Democracia e autoritarismo no século XXI"*, de Fabricio Pereira da Silva, são trazidos temas de discussão relacionados à ascensão das direitas latinoamericanas, desenvolvendo uma análise das tradições de pensamento político que influenciam esses movimentos.

Apontar que a mudança de ciclo no Brasil se deu mediante um neogolpe não é uma questão menor, ajuda a explicar os principais elementos e as delimitações dessa hegemonia em construção, bem como os rumos que ela deverá tomar. Procuremos então caracterizar esse fenômeno. As novas formas de golpe não têm, a princípio a participação direta dos militares e se processam por meio de interpretações distorcidas das instituições. Deve-se entender então o neogolpismo como formas de golpe de Estado legais na aparência e que buscam seu processamento preferencialmente por meio das instituições vigentes. O ponto principal é que são formas mais processuais e sutis no uso concentrado da força. É isso que dificulta sua condenação pela comunidade internacional e, por contraste, facilita seu reconhecimento pelos governos estrangeiros que desejaram ou apoiaram essas mudanças de regime. São golpes processados formalmente através de intuítos previstos constitucionalmente, porém distorcidos (SILVA, 2019. p.122).

Os "neogolpismos", ou "golpes parlamentares", outra das definições trazidas por Silva (2019), representam processos de tomada de poder com uma utilização subversiva das bases jurídicas do próprio país. Sendo assim, representam uma definição projetada para compreender especificamente o movimento de ascensão das novas direitas, se diferenciando de outros tipos de ataques à democracia como golpes cívico-militares ou golpes de Estado.

A existência de um discurso ideológico hegemônico, o qual define essa grande pluralidade de movimentos de direita, é algo intangível exatamente pelas peculiaridades em aspectos sociais e políticos presentes em cada país analisado.

Se aprofundando no caso brasileiro, é possível identificar uma junção de diferentes repertório narrativos, os quais englobam o nacionalismo, o liberalismo econômico, e a exaltação do modelo de família nuclear, além de refletir aspectos conservadores enraizados por uma cultura que bebe de uma matriz religiosa judaico-cristã latente.

Ao analisar as principais vertentes que prevalecem nas ideologias das novas direitas brasileiras, Silva (2019) encontra duas principais correntes de pensamento, a corrente liberal e a corrente conservadora, e faz uma comparação contendo duas correntes de esquerda, as quais ele chama de "pensamento radical de classe média" e "marxismo de matriz comunista". Silva aponta, que apesar da existência dessas correntes ideológicas de esquerda, ambas não se consolidaram no poder por meio do lulismo nem do projeto petista, ao passo que os ideais da direita sempre estiveram de alguma forma presentes.

Como se vê, elementos tanto de linhagem liberal quanto da conservadora na tradição do pensamento político brasileiro fazem parte do repertório de ideias da nova maré de direita. Qual é o ponto central a ser destacado? Que essas direitas estão enraizadas na nossa realidade, dialogam com nossas sociedades, se comunicam com linhagens históricas. Brandão apontava também o surgimento, ao longo do século XX, de linhagens mais radicais ("antiaristocráticas"), como o que chama de "pensamento radical de classe média e o "marxismo de matriz comunista". Essas linhagens alimentaram o projeto petista e o lulismo, porém nunca se impuseram na sociedade - nem no aparato estatal, nem mesmo, em certo sentido, no governo. Decorre então que o ressurgimento das direitas não é efetivamente um ressurgimento, é uma volta dos que não foram. E não supera uma suposta hegemonia de esquerda ou progressista, algo que nunca chegou a se impor no Brasil, mas uma hegemonia democrática condensada na Nova República. Isso evidencia que o que ruiu no Brasil não foi apenas o ciclo progressista, mas a Nova República (SILVA, 2019. p.125).

Ao citar que "[...] o ressurgimento das direitas não é efetivamente um ressurgimento, é uma volta dos que não foram" (SILVA, 2019, p.125), o autor reforça a teoria de que as novas direitas se abastecem das raízes que já estão crescidas dentro do imaginário popular nacional, se aproveitando de experiências passadas como o golpe de 1964 e o movimento integralista para ascender dentro do campo político latinoamericano.

2.2 A AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA E O SEU RESGATE MEMORIAL PELO MOVIMENTO BOLSONARISTA

Para compreender o porquê da apropriação dos símbolos nacionais pela extrema-direita, é necessário traçar um breve panorama das direitas no Brasil, e para isso, partirei inicialmente de um movimento que retirou muito da ideologia do fascismo italiano para se construir, adotando a brasilidade como um novo elemento ao mesmo tempo em que instituiu padrões diretamente herdados da Itália de Benito Mussolini¹⁸: o integralismo.

No artigo "*Neofascismo, "Nova República" e a ascensão das direitas no Brasil*", Odilon Caldeira Neto estuda a ascensão das direitas no Brasil, as quais culminaram na eleição de Jair Messias Bolsonaro. Analisando a presença de grupos neofascistas e interpretando a influência de uma onda conservadora mundial, o autor também apresenta a influência memorial das antigas direitas brasileiras.

O integralismo brasileiro – principal organização fascista latino-americana – embora sem a liderança de Plínio Salgado (falecido em 1975), persistiu como um dos principais referenciais políticos, em grande parte por ter sido a primeira organização política de massa da história brasileira, assim como o principal movimento fascista fora do continente europeu (NETO, 2020, p.126).

O integralismo brasileiro é colocado por Neto como a principal organização fascista latino-americana, sendo considerada pelo mesmo como o principal grupo fascista fora da Europa, além de ressaltar sua atuação que, apesar de indireta, foi fundamental para o funcionamento do golpe do Estado Novo¹⁹, e também do golpe de 1964 por meio da atuação do integralista Olímpio Mourão Filho²⁰.

A Ação Integralista Brasileira, ou AIB, foi um movimento de extrema-direita fundado oficialmente como partido político em sete de outubro de 1932 pelo "chefe nacional"²¹ Plínio Salgado (1895-1975), e dissolvida por um decreto de Getúlio Vargas (1882-1954) em 3 de dezembro de 1937.

¹⁸ Benito Amilcare Andrea Mussolini (1883-1945) foi um ditador italiano que ficou no poder de 1922 a 1943, sendo reconhecido como um dos fundadores do fascismo, ele criou o *Fasci Italiani di Combattimento* (Grupos Italianos de Combate, em tradução literal), que foi o grande precursor do movimento fascista, dos quais os participantes eram chamados de *squadristi* (camisas negras).

¹⁹ O golpe de 1937, que criou o Estado Novo, comandado na totalidade de sua duração por Getúlio Vargas foi uma ditadura brasileira que perdurou até 1945, caracterizada pela centralização do controle do Estado no poder executivo, censura da imprensa, e estímulo dos direitos trabalhistas com a implementação da CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), política vista como uma estratégia para desmobilizar movimentos revolucionários como a Ação Nacional Libertadora (ANL), amplamente perseguida pelo governo, que buscou uma aproximação com os integralistas, parcialmente pelo motivo da ABL e da ANL serem grupos de oposição.

²⁰ Olímpio Mourão Filho (1900-1972) foi o autor do *plano Cohen*, documento falso utilizado para aprovar o golpe do Estado Novo, estando também à frente da quarta divisão de infantaria durante o golpe de 1964 como general.

²¹ "Chefe Nacional" foi o título dado a Plínio Salgado pelos integralistas, o que o colocava como autoridade máxima dentro do movimento.

Tanto o lema: "Deus, Pátria, Família", quanto o uso das cores verde e amarelo são as principais reivindicações bolsonaristas trazidas diretamente como elementos que imgeticamente remetem à AIB.

A associação de Jair Messias Bolsonaro aos símbolos nacionais se deu principalmente pela utilização da bandeira nacional em contraste à imagem do ex-presidente, como podemos ver na imagem à seguir:

Figura 5 – Página oficial de Bolsonaro para o Facebook



Fonte: Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/>>. Acesso em: 11 set. 2024.

A acentuação da bandeira nacional brasileira em conjunto a uma imagem de perfil de Bolsonaro, extraída de sua página na rede social Facebook, a qual é uma de suas principais plataformas para comunicação com a população brasileira, junto à outras como o YouTube, X (na época Twitter) e Instagram, enaltece a assimilação simbólica que marca a imagética bolsonarista.

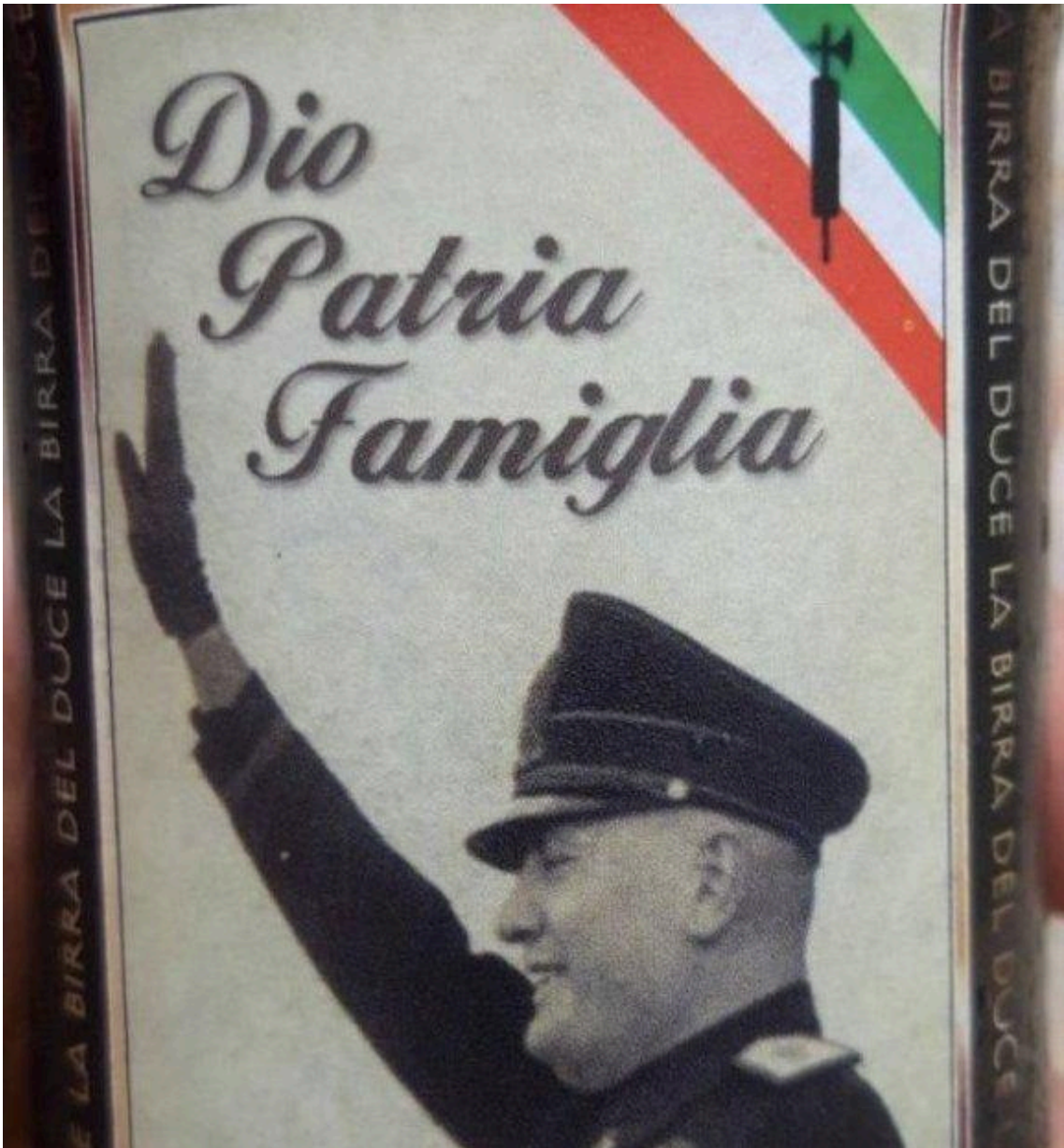
O lema "Deus, Pátria, Família" foi utilizado pelos integralistas, que por sua vez o adotaram do regime fascista de Benito Mussolini após uma visita de Plínio Salgado

(que futuramente viria a fundar a AIB) a Mussolini, e foi um dos "gritos de guerra" dos bolsonaristas, sendo bradado em manifestações de apoio ao ex-presidente.

O destaque dado ao substantivo "Liberdade" funciona tanto para ressaltar o alinhamento de "Deus, Pátria, Família", separando a adição, quanto para demonstrar alinhamento à política estadunidense pelo fato dos EUA serem popularmente conhecidos como a "terra da liberdade".

A associação da figura de Benito Mussolini ao Lema "Deus, Pátria e Família" é exemplificada na imagem abaixo por sua utilização no rótulo da cerveja *La birra del Duce* ("A cerveja do líder", em tradução literal):

Figura 6 – Dio Patria Famiglia



Fonte: Prensa. Disponível em: <<https://prensali.substack.com/p/a-sociedade-doente>>. Acesso em: 11 set. 2024.

A Associação Brazil Livre, ou ABL foi uma célula nazista brasileira que permaneceu ativa de 1928 à 1938, chefiada por Hans Henning Von Cossel (1899-1997). O grupo se diferenciava do integralismo principalmente por só integrar participantes alemães, e não defender a postura nacionalista do integralismo, que criou um fascismo brasileiro, adotando diversas brasilidades, como o "Anauê", cumprimento similar ao "heil hitler" (em tradução literal salve hitler) no gesto, mas derivado da palavra de origem Guarani que significa "você é meu irmão".

A imagem abaixo foi extraída de um documento enviado pela ABL ao governo do Rio Grande do Sul, onde há o pedido do partido para que o Estado não aceite a

entrada de Judeus no país, os quais, em grande maioria buscavam asilo no país por estarem fugindo do regime nazista. Na folha é possível ler o lema "Deus, Família, Pátria" em composição com a suástica.

Figura 7 – Associação Brazil Livre



Fonte: Wikipédia. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Associa%C3%A7%C3%A3o_Brazil_Livre.jpg.
 Acesso em: 11 set. 2024.

A imagem abaixo diz respeito a uma assembleia integralista da década de 1930, e nela é possível observar alguns elementos: o primeiro é o lema “Deus, Pátria e Família”; o segundo é a bandeira com o sinal sigma, a qual em sua composição em análise semiótica muito se assemelha a própria bandeira nazista; e a terceira é a utilização da bandeira nacional, cooptada pela AIB e colocada em destaque junto à bandeira integralista.

Figura 8 – Assembleia da Ação Integralista Brasileira



Fonte: Wikipédia. Disponível em:
https://es.m.wikipedia.org/wiki/Arquivo:Deus,_patria_e_familia_001.jpg. Acesso em: 11 set. 2024.

O integralismo teve seu fim em 1937 com a instauração do Estado Novo, por meio do Golpe de Getúlio Vargas, que instituiu o fim dos partidos políticos e, apesar de outrora ter sido considerado um apoiador do movimento integralista, optou pelo seu fim.

A Ação Integralista Brasileira é retomada pelo movimento bolsonarista como um pilar estrutural no passado histórico fascista brasileiro, e, por ser um grupo conservador de extrema-direita que obteve sua relevância no país, surge como um objeto de vislumbre que motivou muitos bolsonaristas que achavam que o movimento de apoio à Bolsonaro poderia se radicalizar tanto quanto o integralismo havia.

2.3 O JORNAL *FOLHA DE SÃO PAULO*

Para compreender o jornal *Folha de São Paulo*, que é utilizado nesta monografia, é necessário contextualizar inicialmente os periódicos em si, sendo

estes definidos por BARROS (2023) como jornais de circulação contínua feitos primariamente de forma impressa.

Os periódicos são, efetivamente, todos aqueles tipos de publicação impressa que são postos a circular, publicamente, com algum tipo de periodicidade, seja esta diária, semanal, anual ou qualquer outra. Se serão vendidos ou distribuídos livremente, e se serão expostos em bancas de jornal ou disponibilizados em circuitos mais específicos, isto ainda não importa muito para que esta e aquela publicação possam ser classificáveis como periódicos. O essencial - as características matriciais que definem os periódicos - está na 'periodicidade' e na 'forma impressa', embora com a mais recente era digital tenham começado a aparecer novos modos de divulgação integral ou parcial para os periódicos, muitas vezes complementares ao modelo impresso. Ao lado disso, é oportuno lembrar que, para além da 'forma impressa' e da 'periodicidade', a publicação - ou a disponibilização a algum tipo de público - constitui a terceira característica essencial dos periódicos (BARROS, 2023, p.26-27).

Os jornais, por sua vez são definidos por BARROS (2023) como um meio de comunicação destinado à captação das massas, que possui uma grande pluralidade de conhecimentos em diferentes áreas dentro de si, apoiando-se em "uma base discursiva textual-imagética" (BARROS, 2023, p.32).

Contemporaneamente, os jornais constituem um 'meio de comunicação' voltado para a captação das massas ou de segmentos menos significativos da população, com a capacidade de abranger uma diversidade de assuntos de interesse público - embora também exista uma margem relevante de jornais direcionados para setores mais específicos da população ou para grupos muito restritos, assim como jornais especializados em aspectos singulares como a economia, ciência, humor ou esporte (BARROS, 2023, p.31).

A influência exercida pelos jornais dentro da sociedade é atuante na formação de uma mentalidade coletiva acerca de assuntos determinados. A predileção pelo termo 'meio de comunicação' por BARROS (2023) está conectada com o valor representativo de interesses próprios e propagação de ideias e valores por parte das pessoas atuantes dentro dos jornais.

Frequentemente, podemos nos deparar com a referência de que os jornais constituem um 'meio de informação', o que não deixa de ser também verdade. Todavia, a face 'meio de comunicação' costuma se sobrepôr, nos jornais, à face 'meio de informação', principalmente aos olhos dos historiadores e sociólogos. Isto ocorre porque os jornais não transmitem apenas informações. Eles também comunicam ideias e valores, e através destas ideias e valores buscam agir sobre a sociedade, além de representarem certos interesses - não necessariamente um único setor de interesses, mas de todo mundo um campo de interesses no interior do qual os mais diversos fatores interagem (BARROS, 2023, p. 32).

Jair Messias Bolsonaro, antes, durante, e após sua gestão atacou os veículos de imprensa constantemente, muitas vezes se negando a participar de debates e reportagens, ou simplesmente responder perguntas dos quais considerava inimigos

de seu governo. De fato, escolhia a dedo quais seriam os veículos de imprensa com permissão para lhe dirigir a palavra.

No trabalho de dissertação "*Os protestos das jornadas de junho de 2013 na ótica e na posição do jornal Folha de São Paulo*", Guilherme Henrique Piaz Paslauski analisa a atuação do jornal durante as já citadas *jornadas de junho*.

Ao tentar traçar um panorama do "comportamento" do jornal durante as jornadas, Paslauski se adentra na história do próprio jornal para melhor compreender suas transformações e posicionamentos, que variam dependendo do cenário externo no país, e também interno em relação às diferentes gestões.

A influência e importância que o jornal FSP possui na grande imprensa nacional foi adquirida após um longo processo de mudanças no periódico. Para além das mudanças realizadas no jornal, com um amplo investimento para a sua recuperação financeira, houve também uma série de aquisições, como empresas gráficas e empresas de outros setores, que auxiliaram no desenvolvimento do jornal, que faz parte do Grupo Folha, um dos maiores conglomerados de empresa de comunicação do país (PASLAUSKI, 2021, p.20).

O jornal *Folha de São Paulo* foi criado em 1921, sendo atualmente considerado um dos mais importantes veículos de comunicação no cenário nacional, "ultrapassando os 10 milhões de exemplares ao mês" (PASLAUSKI, 2021, p.20), segundo o censo de 2020. A influência que o jornal exerce no país é um imperativo na potência exercida pelo mesmo dentro da sociedade, ou seja, por se tratar de um grande veículo de comunicação, o impacto social é aumentado em comparação com outros exemplares de menor circulação.

Colocado à venda, o jornal foi adquirido em 1962 por Octávio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho. De acordo com Francisco Fonseca em *O consenso Forjado*, a compra do jornal pelos empresários foi um importante episódio na sua história, pois proporcionou a FSP ganhar um "papel de maior proeminência no cenário político editorial". Embora aponte que, mesmo que a FSP tenha ganhado novo status no cenário "político-editorial", a mudança na chefia não foi capaz de alterar uma das marcas carregadas pelo jornal: sua "volatilidade ideológica", essa que será percebida no decorrer das mudanças trazidas pelos novos proprietários (PASLAUSKI, 2021, p.24).

A chamada "volatilidade ideológica", apontada no fragmento por Paslauski, é uma das marcas do jornal que, por ser representado e construído por uma grande gama de pessoas trabalhando em sua fabricação e, assim como tudo e todos dentro do sistema capitalista, ser também um produto, possui discursos dissonantes em sua montagem e época de confecção, os quais variam de acordo com os interesses comerciais do próprio jornal.

Assim, a nova administração optou por focar na recuperação financeira e na reorganização da empresa durante esse período. O fato é lembrado por Fabiane Barbosa Moreira em sua dissertação de mestrado, quando aponta que em entrevista feita por Jorge Cláudio Ribeiro, "o próprio Otávio Frias Filho, em entrevista ao autor, admitiu que nos anos 60 e 70 a folha se dedicou à recuperação empresarial e financeira, tendo uma atitude relativamente inofensiva, insignificante, em relação à cena pública da época (PASLAUSKI, 2021, p.25).

A atitude "inofensiva" frente à ditadura cívico-militar brasileira (1964-1985) pode ser analisada por diferentes espectros. Um deles é o do medo, ocasionado pela perseguição a jornalistas que se posicionaram contra o sistema ditatorial, os quais foram perseguidos, torturados e, em diversos casos, mortos. Outro, é o de convivência em face de um militarismo exacerbado.

O que é possível constatar, é que, independente da motivação que levou a tal posição pública, o jornal *Folha de São Paulo* não demonstrou resistência e quando pode auxiliar na luta por um país livre do controle opressor ditatorial, optou por não o fazer.

Os pontos trazidos acima tem como intuito destacar o caráter volátil do jornal *Folha de São Paulo*, ressaltando que o mesmo muda seu discurso oficial dependendo das necessidades do momento. Sendo assim, é necessário realizar uma análise crítica, que leve em conta as falhas e também os méritos do nosso objeto de estudo.

2.4 ANÁLISE DE PUBLICAÇÕES DA FOLHA DE SÃO PAULO

O trabalho de análise das capas do jornal *Folha de São Paulo* tem como intuito a identificação do tratamento dado à figura de Jair Messias Bolsonaro em conjunto aos símbolos nacionais, e parte da análise da cultura visual²² para realizar tal objetivo.

A metodologia escolhida para este trabalho tem como base uma forma de análise expoente da cultura visual, mais precisamente calcada nos estudos de Pablo Petit Passos Sérvio e Rosana Horio Monteiro, que realizam pesquisas fundamentais para a constituição desse campo, tratando de como, individualmente, a leitura de

²² A cultura visual nasce no cenário acadêmico anglo-saxão no final dos anos 80, e se consolida com a publicação de número 77 da revista *October* em 1966, por Rosalind Krauss e Hal Foster tendo como intuito a análise minuciosa das imagens, em uma tentativa de compreender imagéticas e simbolismos presentes na construção da visualidade.

diferentes imagens é alterada pelo aspecto cultural presente em diferentes indivíduos, o que gera distintas leituras do mesmo objeto de estudo. No caso desta monografia, trago essa análise para as capas da *Folha de São Paulo*.

A imprensa e seu papel na propagação de matérias de cunho associativo à Bolsonaro em relação aos símbolos nacionais foi uma grande influência na percepção social - o que juntou uma coisa à outra, atrelando a utilização da bandeirinha do Brasil na antena dos carros e a vestimenta da camisa canarinho (que, apesar de não ser um símbolo nacional oficial está conectada à um forte sentimento de pertencimento nacional) ao apoio ao então presidente da república.

Para realizar as análises das capas utilizei como referencial teórico principal materiais de Pablo Petit Passos Sérvio e Rosana Horio Monteiro, representantes do campo dos estudos da cultura visual, o qual permite pensar a respeito do aspecto social da visão.

O artigo "*O que estudam os estudos da cultura visual*", de Pablo Petit Passos Sérvio busca exemplificar as bases do campo da cultura visual e discutir as principais perspectivas presentes, as quais possibilitam distintas possibilidades de análise de um mesmo objeto de estudo.

Qual a dimensão não cultural da visão? O que é biológico, instintivo ou programado na visão e o que é aprendido ao longo de nossa vida social? As imagens nos manipulam! O que seria uma cultura que não é visual? O que seria uma cultura auditiva ou tátil ou olfativa? Se não tivéssemos cultura, o que seria de nossa visão? A nossa cultura é visual? Ela é visual por causa das tecnologias que produzem muitas imagens! E se fossemos cegos, se fossemos animais sem olhos, o que aconteceria com a nossa cultura? (SÉRVIO, 2014, p.145).

A visão é tida como uma das principais percepções adotadas pela cultura ocidental, o que define diversos aspectos dentro da construção desse modelo social, exatamente pela elevação da visão frente a outros sentidos²³.

A importância delegada à visão dentro do modelo social ocidental é tão relevante que atua na construção dos imaginários, papéis sociais e comportamento dos indivíduos, o que amplifica o argumento de Sérvio para a questão "como são outras sociedades que não construíram suas culturas com base na visão?".

²³ No livro "*A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*", Oyèrónké Oyèwùmí, forja o tema "cosmopercepção", que diz respeito à resistência de sociedades que não apontam a visualidade como principal sentido atuante, o que acaba modificando a maneira como a própria sociedade é construída, diferenciando-se, no caso da cultura yorubá em distribuição de "papéis sociais" não pelo conceito de gênero, mas sim pela hereditariedade. Oyèrónké Oyèwùmí é uma socióloga nigeriana fruto da cultura Yorubá, a qual estuda em diversos trabalhos acadêmicos, junto à esse e outros temas de pesquisa estão os estudos de gênero.

[...] visualidade trata da percepção como fato social, suas técnicas históricas e determinações discursivas. Enquanto a visão foca na parcela biológica da experiência visual, o corpo e a psique, a visualidade trata da parcela cultural da experiência visual, aquilo que é aprendido social e historicamente (SÉRVIO, 2014, p.197).

A visualidade, como definida por Sérgio, é um conceito que extrapola a visão fisiológica, pois depende de outros fatores que estão ligados à carga histórica presente na formação do indivíduo, que, junto com a formação sócio-cultural, forma a maneira como a sua visibilidade é expressada. O ponto de interesse aqui é compreender que a experiência da visualidade é diferente para cada indivíduo, e isso define como o mesmo verá o mundo, quais elementos vão lhe chamar a atenção e de que forma o fazem.

Sabe-se, também, que nem todas as informações enviadas pelos olhos ao cérebro são conscientemente processadas. Isso é o que demonstra a experiência desenvolvida pelos psicólogos Christopher Chabris e Daniel Simons (2011). A experiência propõe que você observe um vídeo. As imagens do vídeo mostram três jovens vestidos de branco e outros três vestidos de preto. Os de branco tocam uma bola de basquete entre si, os de preto, passam outra bola de basquete entre si. Todos, no entanto, se misturam, pois ocupam o mesmo espaço. Lança-se então um desafio para o observador, contar quantas vezes o grupo vestido de branco passa a bola de um para o outro. A maioria das pessoas acerta este número, entretanto a chave da experiência está no que elas não perceberam (SÉRVIO, 2014, p.198).

De tanto concentrar-se nas pessoas de branco, em média, cinquenta por cento dos espectadores não percebe que durante o vídeo um homem vestido de gorila vem devagar ao centro da tela, bate as mãos no peito e, então, sai do enquadramento com a mesma calma. A experiência demonstra que o cérebro não tem a capacidade de processar conscientemente todas as informações visuais que os olhos captam e, diante disso, dedica-se apenas àquelas informações que presume nos interessarem mais. Esse fenômeno é conhecido como percepção seletiva, processo através do qual enxergamos conscientemente apenas aquilo a que devotamos atenção (SÉRVIO, 2014, p.198).

A percepção seletiva é fundamental para a compreensão do processo de captação de informação, como por exemplo na análise de uma obra de arte, a infinitude de interpretações possíveis está diretamente ligada à diferenciação do tipo de percepção seletiva apresentada por cada pessoa que a está observando. A mesma situação ocorre com o tratamento das capas dos jornais. Realizando uma análise minuciosa, é possível interpretar elementos que dialogam com diferentes imaginários, e esses são os pontos de interesse para o trabalho de análise a seguir.

O fenômeno das redes sociais e o uso dos algoritmos fazem com que as pessoas acabem se fechando em bolhas e vendo apenas um tipo de informação, de uma determinada perspectiva, algo que é cuidadosamente realizado pelos grupos

bolsonaristas que desacreditam os meios de informação e disseminam suas ideias nas redes.

Figura 9 – Bolsonaro presidente

FOLHA DE S. PAULO
DESDE 1921 ★★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

ANO 96 • Nº 32.716 SEGUNDA-FEIRA, 29 DE OUTUBRO DE 2018 R\$ 4,00

BOLSONARO PRESIDENTE

★ Deputado do PSL vence Haddad com 55% dos votos ★ Capitão reformado de direita é o primeiro militar a ser eleito ao cargo desde 1945 ★ Em discurso, promete 'desamarrar o Brasil' e respeitar a Constituição

EDITORIAL
Constituição acima de todos

Jair Bolsonaro ganhou nas urnas o direito de usar a fúria presidencial. A maioria dos eleitores expressou sua vontade de encerrar o ciclo de disputas entre PT e PSDB e iniciar um novo capítulo de alternância de poder.

Pela primeira vez desde a redemocratização, a direita mais nitida e enraizada que se faz possível neste país de profundas contradições chegou de forma legítima ao Palácio do Planalto.

Em seus discursos da vitória, o capitão reformado amainou a retórica agressiva que vinha empregando, dirigiu-se genericamente a "todos os brasileiros" e fez o devido elogio à Constituição, à democracia e às liberdades.

Reconheça-se o gesto, mas sem deixar de apontar que, durante 17 anos como deputado e ao longo desta eleição, Bolsonaro deu inúmeros sinais de que ignora rudimentos da convicção democrática, como o respeito às instituições de Estado, a proteção das minorias e a transição com diferentes pontos de vista.

Também demonstrou desconhecimento da imprensa livre nas sociedades modernas. Incentivando com uma reportagem, entroncamento contra três profissionais deste jornal. Por meio de advogados, sugere que a Folha o transformou em alvo e agiu com o propósito de prejudicar sua candidatura.

Na melhor das hipóteses, confunde jornalismo independente e crítico com atuação partidária. Na pior, pretende intimidar não só esta empresa, abscorrida pelo pluralismo e pelo apoliticismo, mas todos os veículos que se recusam a lhe prestar cortesia.

Nada há de errado em vociferar contra a imprensa. Todos os assessores do presidente eleito vituperaram esta Folha — e essa tensão só não teria existido se o jornal tivesse sido menos inquisitivo do que deveria.

Mas subsiste uma distância entre o governo que manifesta seu acionismo e aquele que deseja eliminar opositores e silenciar críticos, entre o governante preparado para chefiar uma nação democrática e aquele que não se adapta ao contraditório, ao escrutínio público e à livre circulação de ideias.

Esta Folha ficará onde sempre esteve, confiante na Constituição de 1988, na força da democracia brasileira e na construção de um país melhor para todos. Já Bolsonaro precisará assimilar as lições que nunca aprendeu e mostrar-se à altura do mandato recebido. Que faça um bom governo.

EDITORIAL A2
Bolsonaro e o esfinge sobre agenda e desafios de novo governo.



Jair Bolsonaro (PSL), com o dedo à prova de bala, salda cumprimentos no Rio...

Em Brasília, Jair Bolsonaro, 43, foi eleito presidente do Brasil, o 42º da República e o 1º desde o fim da ditadura militar. O capitão reformado de direita foi eleito pelo partido PSL, com 57,8 milhões dos votos válidos (55,17%), ante 47 milhões (44,82%) de seu opositor, o petista Fernando Haddad. O pleito quebrou o recorde de brancos e nulos (14,6%) e teve abstenção de 11,9%.

Em discurso de vitória, exaltado depois de uma oração do senador Magno Malta (PR-ES), prometeu ao governo "defensor da Constituição, da democracia e da liberdade". Citando Deodoro de Castro, patrono do Exército, declarou: "Vamos pacificar o Brasil".

Deputado de votos estatizantes e conservadores, falou em desamarrar a economia — que custa a superar uma das piores crises da história — com reformas, desburocratização, apoio ao empreendedorismo e equilíbrio fiscal. Venceu após sobreviver a um atentado, em uma campanha de retórica extremista e episódios de violência. De buon gusto, foi vetada pela soberania nas redes sociais e no WhatsApp.

Chegará ao Planalto com a segunda maior bancada no Congresso, que deve aumentar e 14 governadores de seu partido ou simpatizantes a ele, entre eles João Dória (PSDB-SP), Wilson Witton (PSB-RJ) e Romero Jucá (DEM-RR).

O resultado encerra 12 anos de governo do PSDB e do PT. Haddad não conquistou o título e pediu o cargo a quem votou na esquerda: "Não tenham medo, nós estamos aqui".

Com quatro governos estaduais, incluindo a Bahia, e a maior bancada de deputados eleitos, o petista e seu partido encerraram seu ciclo na oposição ao futuro governo. [www.folha.com.br](#)



Apoiadores do capitão reformado reúnem-se em frente ao Palácio do Congresso...

Dória vence em SP e fala em 'meu PSDB'

Com 51,27% dos votos válidos, o ex-prefeito de São Paulo João Dória, 66, derrotou o atual governador, Márcio França (PSB), e marcou a hegemonia do PSDB no estado. "A partir de hoje sou do PSDB, nomeo PSDB, acabei o meu", disse Dória, filho a termo de quem se sigla não se posiciona, 48.

Witton supera Pato e vence no Rio; Jucá ganha em RR, e Dória, no DF [www.folha.com.br](#)

Vicente Neto Sistema político é capaz de absorver também o outro lado [www.folha.com.br](#)

Cláudio Castro de Barros Hoje não há mais barreiras entre Brasil e EUA [www.folha.com.br](#)

Luiz Inácio Lula da Silva Sucesso dependê da economia e do Congresso [www.folha.com.br](#)

Marcelo A. Melo Com apoio social, STF será sustentado por democracia [www.folha.com.br](#)

Bolsonaro representa 'capitalismo esclarecido', diz Steve Bannon [www.folha.com.br](#)

9 770113 171222

Fonte: Folha de São Paulo, 29 out. 2018

O início do governo Bolsonaro foi caracterizado por um otimismo de grande parte da população brasileira, que via através de discursos amplamente repercutidos durante o período de campanha eleitoral a chance de um novo começo, marcado por uma "nova política". É importante lembrar que os processos históricos de maneira geral não ocorrem de forma abrupta, e a aceitação do governo Bolsonaro é um exemplo claro disso.

Analisando a escolha da sobreposição das imagens (com a figura do então presidente acima, e de seus apoiadores abaixo), elas parecem reforçar a idolatria à Bolsonaro por parte de seu coro de apoiadores, que o mitificam ao observá-lo de baixo em uma relação de submissão e apoio.

A escolha de um casaco verde oliva por Bolsonaro pode ser vista como uma conexão imagética com o exército brasileiro, destacando a associação do ex-presidente com os militares.

Tratando dos símbolos nacionais, um ponto fundamental na configuração dessa capa é a caracterização da bandeira nacional, que, assim como a camiseta canário da seleção de futebol brasileira, são personificadas como símbolos partidários em apoio a Bolsonaro por estarem sendo empregadas por seus apoiadores, o que reafirma a ativação identitária desses símbolos nacionais em sua cooptação pela direita brasileira.

O lema da campanha de Bolsonaro: "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos" é alterado pelo título do editorial intitulado "Constituição acima de todos", que repudia as tentativas de intimidação empregadas por Bolsonaro a funcionários do jornal, dos quais três profissionais receberam ações judiciais. A valorização à democracia e a acusação de um possível silenciamento da imprensa e perseguição à oposição são alguns dos apontamentos pertinentes no texto.

O editorial de número dois do mesmo exemplar, de 29 de outubro de 2018, edição SP/DF, ainda na primeira página, comenta: "Vence após sobreviver a um atentado, em uma campanha de retórica extremista e episódios de violência. De baixo custo, [a campanha] foi veiculada sobretudo nas redes sociais e no Whatsapp". A comunicação com a população brasileira por meio de redes sociais e a disseminação de mensagens por meio do Whatsapp são fatores abordados no

capítulo três desta monografia, intitulado *Ideologias neofascistas simbolizadas na propaganda e comunicação com a população brasileira*, onde eu traço um panorama geral sobre a utilização da internet por parte de apoiadores e pelo próprio ex-presidente.

Figura 10 – “Ustra Vive!”

A24 SEGUNDA-FEIRA, 29 DE OUTUBRO DE 2018 FOLHA DE SÃO PAULO

eleições 2018



Apoiadores de Bolsonaro comemoram em frente ao condomínio dele na Rta, com homenagem ao coronel Delfino Ustra, acusado de ser torturador na ditadura militar

Festa da vitória tem pai-nosso, tropa de choque e hostilidade contra mídia

Militante petista é agredida em Salvador após confusão envolvendo simpatizantes de Bolsonaro

SÃO PAULO, 29 DE OUTUBRO, 2018. ALEX VASCONCELOS E BRUNO CALDEIRÃO/AGÊNCIA FRANCE PRESSE. Celebrações pelo voto em Jair Bolsonaro (PSL) ocorreram nas principais capitais do país neste domingo (28). Em São Paulo, integrantes do capitão reformado se reuniram na avenida Paulista com música, gritando "viva Cubaque o país", e festejando com polícias e indicados estaduais para simular uma a hostilidade contra a imprensa.

Nesta, após o resultado comemorativo em frente ao condomínio onde mora Bolsonaro, na Rta de Itaquera, uma coreia, enquanto simpatizantes e apoiadores se reuniram em confusão na rua.

Uma universitária de 20 anos foi agredida em Salvador após tumulto entre apoiadores e opositores de Bolsonaro. Segundo testemunhas, a estudante, que é militante petista, tentava intervir enquanto um rapaz era agredido por políticos e setores governamentais do partido de uma PSL.



Depois de pôdele apontando o dedo para os outros na Paulista, "Tropa de elite" como dizem de cost, pega um pega geral, também vai pagar voz", comentou.

O governador Otávio Moura não teve sucesso na tentativa. Contudo, que foi um apoiador de primeira hora do capitão reformado, ao contrário de muitos "bom dia petista".

A imprensa que acompanhava a celebração foi hostilizada pelos bolsonaristas. Seis dias anteriores às eleições eleitas, a folha foi o veículo mais atacado por eles. "Vai escrever matéria na 'bom dia'?", "qual é isso?" e "vai que Cuba que o país", estavam entre os gritos de guerra.

Um leitor do capitão de farda e jornal, apóse identificar como liberal, "Sou bolsonarista, mas liberdade de imprensa não é do lado".

A TV Globo também recebeu boas vistas. "A gente viveu por ver William Bonomo dizer 'viva Bolsonaro, nosso presidente'", afirmou a deputada federal de São Paulo Carolina Zanetti (PSL-SP). Enquanto o político gritei "viva, Deus Glória", ela pronunciou a palavra "viva" em meio dia de um novo tempo que costuma", citando global.

No Rio, houve relatos de agressões físicas entre grupos bolsonaristas e contrários a Bolsonaro na praça Rio Salvador, no Flamengo. Quando o momento chegou a festa no local.

Fonte: Folha de São Paulo, 29 out. 2018

Na página vinte e quatro do primeiro caderno do mesmo periódico é possível observar uma série de bandeiras nacionais hasteadas por apoiadores de Jair

Bolsonaro, e entre elas uma que possui também as cores verde e amarela, porém se diferencia pela seguinte frase: "USTRA VIVE!". A exaltação ao Coronel Carlos Brilhante Ustra foi destaque no discurso de Bolsonaro durante a sua votação no processo de impeachment de Dilma Rousseff, e demonstra o resgate à memória social em torno da ditadura militar que se iniciou em 1964.

A memória social relacionada ao golpe de 1964 é um dos pontos de referência para o movimento bolsonarista, sendo utilizada na formação de um passado heroico e idealizado, almejado pelo movimento como um exemplo a ser seguido. Assim, se vêem no direito de relembrar a memória de torturadores como Ustra como mais um dos seus.

A composição da página trazida na figura 10 auxilia na dicotomia criada entre direita e esquerda, exemplificando como a própria *Folha de São Paulo* foi ativa na formação da identidade visual da direita, sendo essa principalmente as cores verde e amarelo, e a da oposição, o vermelho. Tal comparação é montada através da escolha na composição das imagens, onde em uma apresenta a direita, e em outra a esquerda, incentivando essa visão dualista.

A partir da menção ao atentado à Jair Bolsonaro, atacado por uma faca durante um comício em sua campanha presidencial no dia 6 de setembro de 2018 na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais, Brasil, pude traçar um paralelo simbólico com outra tentativa de assassinato ocorrida recentemente nos Estados Unidos, quando, em 13 de julho de 2024 na cidade de Butler, no estado da Pensilvânia, o ex-presidente dos EUA, Donald Trump, foi alvo de tiros, tendo um ferimento de raspão na orelha, também durante um comício pré-eleitoral.

As similaridades factuais e imagéticas em ambos os casos possibilitam um exercício comparativo entre as duas fotografias abaixo, que se converteram em inspiração para discursos, e também auxiliaram na formação de uma conexão entre as figuras e os símbolos nacionais dos respectivos países.

Figura 11 – Bolsonaro momentos antes de atentado contra sua vida



Fonte: *O Pharol*, 13 jul. 2022

Figura 12 – Donald Trump momentos após atentado contra sua vida



Fonte: *BBC NEWS Brasil*, 15 jul. 2024

A figuração dos símbolos e cores nacionais se apresentam de diferentes maneiras nas duas imagens: no caso de Bolsonaro, é possível ver as cores nacionais verde e amarelo em sua camisa, que também apresenta a sentença: "meu

partido Brasil", o que corrobora na utilização das cores nacionais como símbolo de partidário político. Na fotografia tirada de Donald Trump, momentos após o atentado, a bandeira se apresenta por detrás da figura principal, representando simbolicamente o apoio da nação à figura do ex-presidente.

A ideia de força está representada imagetivamente à figura de Donald Trump na imagem pois, logo após o atentado contra sua vida, o mesmo, com sua face ensanguentada ergue o punho em sinal de resistência, se colocando como aquele que se arrisca pela pátria, rememorando então também à persona do mártir.

3 REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS DA DIREITA E DA ESQUERDA BRASILEIRAS

A polarização imagética presente entre a direita e a esquerda brasileira é um processo que se intensificou visivelmente durante o período em torno do impeachment de Dilma Rousseff em 2016, situação abordada por Alex Fernandes Silva de Almeida em sua dissertação "*Do golpe de 2016 ao bolsonarismo: o neofascismo no Brasil*", que visa caracterizar e estabelecer diferenciações principais entre os movimentos fascista, nazista e neofascista, passando por repercussões midiáticas referentes ao processo de impeachment da ex-presidente brasileira.

As revistas *Época*, *Exame*, *IstoÉ*, entre outras, também bombardeavam semanalmente Lula, Dilma e o PT. Aos poucos o inimigo tinha nome: Lula. Tinha cor: vermelha. Tinha sigla: PT. E tinha objetivo: tomar o poder das mãos de governantes da esquerda e implementar as políticas de direita. Toda estratégia e espetáculo midiático tornou-se bem-sucedida, visto que a alienação dos brasileiros podia ser observada por meio da polarização do país e a normalização do caos que foi estabelecido (ALMEIDA, 2021, p.37).

A imprensa operou um papel fundamental no processo de associação imagética da esquerda brasileira às cores vermelhas, em contraposição ao movimento bolsonarista, representado pelas cores nacionais, chegando ao ponto de, em algum momento durante esse processo de associação simbólica, pessoas que utilizavam peças de roupas vermelhas estarem passíveis de ataques por parte de bolsonaristas mais radicais, fazendo com que a população fosse aconselhada a não utilizá-las em dias de manifestações bolsonaristas.

No artigo "*Vermelho pra que te quero? A simbologia da cor nos movimentos sociopolíticos na história do Brasil*", Gêrda Livia Costa analisa como a cor vermelha

se tornou símbolo dos movimentos de esquerda no país, compreendendo os significados atrelados a essa cor e as raízes culturais que a marcaram como de uso predominante esquerdista.

[...] essa ligação entre vermelho e grupos políticos de esquerda dominou por mais de um século e meio a história dessa cor, deixando de lado os outros possíveis significados e simbolismos dela. Vermelho não era mais apenas uma cor, mas uma ideologia, tornando-se não apenas símbolo, mas sinônimo desses ideais. Essa ligação é forte o suficiente para aparecer em dicionários como sinônimos. No Houaiss, por exemplo, um dos significados do termo “vermelho” é “(indivíduo) que segue o comunismo ou socialismo”. Seu uso tem mais ligação com o fogo transformador, a ação e a imposição de novos valores revolucionários do que com infância, amor, paixão, erotismo, prazer ou justiça (COSTA, 2019, p.12-13).

A associação da cor vermelha ao socialismo e ao comunismo ainda persiste através de falas como "A nossa bandeira jamais será vermelha", frequentemente utilizadas pelo ex-presidente e seus apoiadores. O desprezo em relação a esses movimentos esteve presente na oratória de Jair Bolsonaro através de falas como "Vamos unir o Brasil pela vontade de nos afastarmos de vez do socialismo e do comunismo [...]" (BOLSONARO in ALMEIDA, 2021, p.66), aprofundando a polarização entre o vermelho e o verde-e-amarelo, e incentivando conflitos entre os grupos.

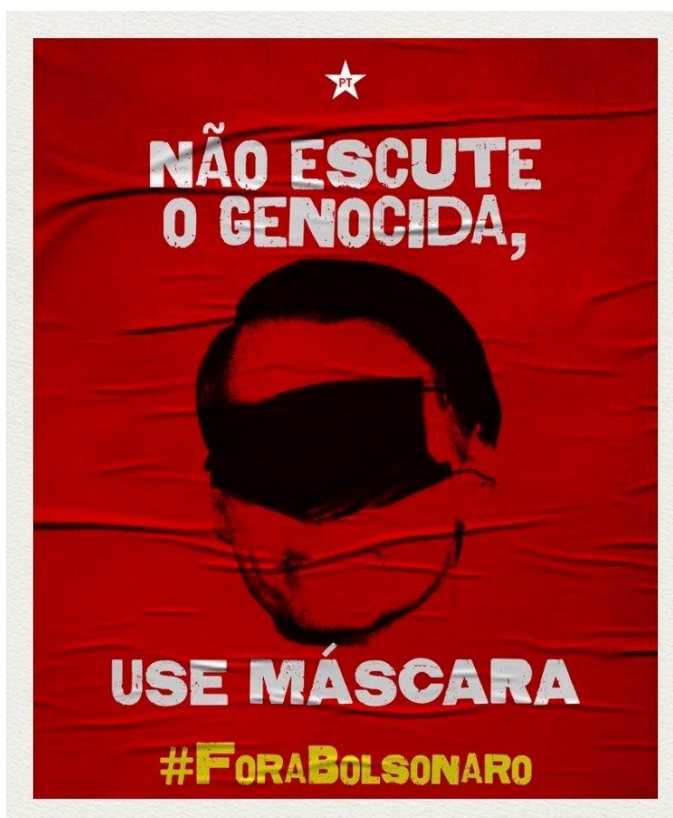
Durante o clima de tensão resultante da polarização visual que separava o país em eleitores de direita e eleitores de esquerda, essa simbologia passou também a ser ressignificada como forma de resistência, incentivando a utilização das cores vermelhas mesmo no caso de pessoas não filiadas ao PT, (e nem a nenhum grupo socialista) mas, que por serem contrárias ao movimento bolsonarista, se utilizaram da polarização visual criada como ferramenta de luta - como é o caso de alguns blocos antifascistas autônomos, que elevaram a utilização da cor vermelho.

Outras maneiras de manifestar alinhamento político através da expressão artística sem se colocar diretamente em risco de possíveis ataques foram a

pixação²⁴, o grafite, e os "lambe-lambes"²⁵, que deixavam mensagens de resistência espalhadas pelas cidades.

Uma particularidade presente durante o período da pré-eleição de Bolsonaro, e de sua gestão foi a utilização massiva das redes como ferramenta de campanha, porém, da mesma maneira, elas também funcionaram como ferramenta de circulação de imagens e mensagens contrárias à Bolsonaro e ao movimento bolsonarista, como podemos observar na imagem com a legenda: "Não escute o genocida, use máscara #ForaBolsonaro", que referencia a imagem que viralizou contendo uma tentativa ineficaz do ex-presidente de colocar uma máscara durante o contexto de disseminação da covid-19.

Figura 13 – "Não escute o genocida, use máscara"



Fonte: *Urbanitários*, 04 ago. 2020

²⁴ O "pixo" é uma expressão artística calcada na crítica ao social, e no discurso do oprimido que se revolta contra a opressão sistemática praticada pelo Estado, diferente do "picho", que representa frequentemente poesias, versos, e pensamentos fluidos sem a necessidade explícita de uma crítica embasada em sua construção.

²⁵ Os "lambe-lambes" são uma prática artística muito utilizada na panfletagem pelo baixo custo de confecção e dificuldade na retirada, é composto de uma impressão, onde normalmente se encontram reivindicações, desenhos ou convites para determinados eventos, e são aplicados pela técnica de colagem, com uma mistura de cola e água, quando se "lambe" a impressão com um rolinho ou pincel, daí o nome.

Os mecanismos audiovisuais foram amplamente utilizados no período de pandemia, quando, devido a necessidade do isolamento social causado pelo coronavírus, charges invadiram o espaço das redes, gerando discussões e problematizando pronunciamentos e ações de figuras políticas, como foi feito no lambe-lambe "Fome para o povo - mansão para os filhos - partido ladrão", espalhados pela cidade de São Paulo, que, em tom de denúncia, trazem dois casos polêmicos envolvendo dois dos filhos de Bolsonaro: o primeiro, a compra da mansão de seis milhões de reais, pagos em espécie, feita pelo senador Flávio Bolsonaro; e o segundo caso, a mansão avaliada em 2,9 milhões, comprada por Ana Cristina Valle, ex-esposa de Bolsonaro que vive com o filho do casal, Jair Renan Bolsonaro.

Figura 14 – Fome para o povo - mansão para os filhos



Fonte: *Revista Fórum*, 20 mar. 2022

A arte sempre foi, e continuará sendo uma forte ferramenta política, podendo ser utilizada como um documento de análise histórica por refletir anseios e denúncias da população em diferentes períodos, proporcionando perspectivas únicas, e muito próprias de seu tempo de produção, podendo assim auxiliar na compreensão de épocas especialmente complexas.

Para os autores que trabalham com Cultura Visual as imagens importam, pois, em vez de simplesmente refletirem a realidade ou um contexto (como costuma entender o senso comum), nossa relação com as imagens afeta/constrói percepções sobre o mundo e sobre nós mesmos, influenciando nossas ações. Portanto, as imagens estão intrinsecamente conectadas à política e à relações de poder. Contudo, isso não significa que

os autores focam seus esforços exclusivamente na interpretação de imagens ou no papel delas na dinâmica social (SÉRVIO, 2014, p.201).

A experiência visual, que ocorre ao se deparar com alguma das imagens como as de acima, geram um impacto na percepção do indivíduo sobre o mundo, e, nesse caso específico, sobre o cenário político do momento, e sobre as reivindicações da população, resultando em uma reflexão acerca do que estava acontecendo naquela sociedade, objeto das intervenções artísticas.

A polarização imagética entre esquerda e direita no Brasil, intensificada pela ação do movimento bolsonarista de apropriação dos símbolos e das cores nacionais, é analisada no próximo subcapítulo através da interpretação de capas do Jornal *Folha de São Paulo*.

3.1 ANÁLISE DE PUBLICAÇÕES DA *FOLHA DE SÃO PAULO*

O ano de 2020 foi marcado por diversas polêmicas para o governo Bolsonaro, havendo um aumento nas críticas e uma diminuição na aceitação popular. Com os casos de covid-19 se alastrando pelo país, a negligência referente a demora na compra de vacinas, o incentivo à utilização de remédios não recomendados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) por parte do próprio presidente, e as suspeitas de um possível envolvimento do mesmo com o assassinato de Marielle Franco²⁶ (1979-2018), os ânimos com relação a atual gestão do país já não eram tão otimistas assim.

²⁶ Marielle Francisco da Silva, conhecida como Marielle Franco, foi uma vereadora nascida no Rio de Janeiro filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL).

Figura 15 – 7 de setembro

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 ★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 100 • Nº 33.295 TERÇA-FEIRA, 8 DE SETEMBRO DE 2020 R\$ 1,00




7 DE SETEMBRO TEM ROLLS ROYCE EM BRASÍLIA E GRITO DOS EXCLUÍDOS EM PLOMO MENOS 15 ESTADOS

Bolsonaro foi recebido na Independência de manhã e, à noite, em pronunciamento coberto por uma chuva de críticas, mas lançou o golpe de 64 no Rio, houve protesto em sua sa...

Estado alterado



Luz de Wikimedia Commons

SEM OFICIALIZAR, BOLÍVIA PERMITE PLANTIO DE COCA PARA DROGAS

Mulher carrega filho em andaime a plantação de coca na zona rural de Chiriquí, na Bolívia, durante o final desde do plantio de coca em, costuma não, com de fase no uso tradicional, porém a maior parte das folhas vai para o narcotráfico mundial. U...

Atividade de nenhum país voltou a nível pré-pandemia

Indicadores apontam para uma economia 90%, em marcha lenta no contexto de medo gerado pelo vírus.

Um indicador criado por um centro de pesquisa chinês mostra que, entre 137 países acompanhados diariamente, nenhuma economia retornou ao patamar de atividade econômica anterior à epidemia de Covid-19. Outros estudos, no entanto, apontam os economistas mais otimistas em termos de recuperação da produção mundial, com que muitos países mantiveram como dinamizadora social. Até na Ásia, atingida primeiro e beneficiada na recuperação, os níveis de estabilidade permanecem baixos. Especialistas dizem que, ao surgir uma vacina, a situação não mudará.

Novos hábitos também impactam a economia. O crescimento do consumo online e a diversificação do trabalho em setores essenciais operam como fatores em direção oposta. Levantamento do The Conference Board indica que a maioria dos líderes de empresas não pretende voltar aos níveis anteriores ao surto em 2020. Quase 40% dos CEOs de 1000 presidentes de empresas em nível global disseram que devem cortar em mais de 10% os investimentos antes planejados. Atividades restritas em relação ao turismo e aos negócios de lazer também afetam os gastos. Isso por sua vez, faz as empresas fazerem investimentos menos...

Ilustrado 800

Apagão de 600 leva televisão a investir em mídia com documentário

Insatisfeitos

A igualdade incomoda

Crise da decisão da corte de impedir as eleições das eleições municipais e estaduais, de serem que os homens sustentam as mulheres. A situação é justa, segundo...

Esporte 300

Grasista de SP diz que perdeu tudo depois de ter deturcado a vida

Pandemia no Brasil

Mapa de Brasil com estados coloridos por situação de pandemia.

Estado	Situação
AC	Amarelo
AL	Verde
AP	Verde
BA	Verde
CE	Verde
DF	Verde
ES	Verde
GO	Verde
MA	Verde
MG	Verde
MS	Verde
MT	Verde
PA	Verde
PB	Verde
PE	Verde
PI	Verde
PR	Verde
RN	Verde
RJ	Verde
RN	Verde
RS	Verde
SC	Verde
SE	Verde
SP	Verde
TO	Verde

Editoriais A2

O beijo da morte
Sob os cuidados e influência política na sua lei.

Sombras no 5G
A respeito da implantação da tecnologia no Brasil.

Atmosfera

Atmosfera, 10/10

Temperatura: 22,1°C

Umidade: 65%

Velocidade do vento: 11,2 km/h

EDITORIAIS A2

Brasil não atinge meta para reduzir mortes
Indague quanto aos dados de que 1000 o Brasil não bate a meta de reduzir as mortes das principais vacinas para crianças de até um ano. A redução, em alguns casos, chegou a 10%.

Medicamento para Covid sobe 30%
Agência da Covid salienta a alta de 30% no preço de um medicamento usado em hospitais de emergência, segundo dados do tipo, segundo...

Para especialista, falta critério para afastar governador
A revista de Wilson Witzel (PSD) do estado do Rio e as investidas que atingem outros governadores estaduais, mas não se debate sobre as eleições para o afastamento de governadores pelo Judiciário. Para especialistas, a decisão recente de Supremo Tribunal desequilibra...

Equipe econômica é contra perfurar dívida de igrejas
A equipe econômica recomendou de Bolsonaro que não se comprometa a pagar dívidas de igrejas e outras entidades. Ela não quer de 10 bilhões em dívidas geradas. Antes da proposta, o deputado David Soares (DEM-SP) é filho do pastor R. R. Soares, da Igreja Internacional de Cristo de Deus, nascido em...

Estabilidade de servidor resistiu a reforma de FHC
Alto da reforma administrativa do governo Bolsonaro, a estabilidade do servidor público está na Constituição desde 1934. O objetivo não é mudar o modelo de trabalho. A iniciativa mais recente, capitaneada pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso em 2003, não gerou efeitos positivos. Não se...

Fonte: Folha de São Paulo, 08 set. 2020

A montagem das imagens em uma primeira capa de um jornal nos diz muito sobre qual mensagem o mesmo está tentando representar. Ao colocar um quadro pendular a outro, é criado um contexto de dualidade, o qual é reforçado pelas paletas de cores presentes em cada imagem, que explicitam as diferenças entre os dois contextos que nos estão sendo apresentados.

Na figura à esquerda, vemos Jair Bolsonaro em um Rolls Royce presidencial, acompanhado de crianças. O mesmo acena para a câmera, e traz consigo uma bandeira nacional em cada lateral do veículo.

A falta de utilização de máscaras de proteção diante da pandemia da covid-19 pode ser vista tanto em Bolsonaro quanto nas crianças, possibilitando a propagação do vírus e transmitindo à população uma ideia de descaso frente a esse período, que infelizmente marcou o óbito de milhares de brasileiros.

Abaixo das imagens lê-se: "Bolsonaro foi à cerimônia de independência de manhã e, à noite, em pronunciamento sob panelaço, disse defender a democracia, mas louvou o golpe de 64; no Rio, houve protesto". A fala de Bolsonaro apresenta uma contradição clara - a defesa da democracia e apreciação do golpe de 64 -, pois o período da ditadura representou um momento desprovido de democracia, com perseguições políticas, tortura, assassinatos e censura dos meios de comunicação.

No quadro à direita, pode-se observar uma substituição da paleta de cores predominante na outra imagem (preta, verde e amarela), por uma muito mais colorida, tendo em si a predominância do vermelho, característico do Partido dos Trabalhadores, assim como dos partidos comunistas e de outros movimentos de esquerda, como é o caso dos grupos antifascistas.

Na imagem que representa resistência ao governo vigente, podemos observar uma mulher negra utilizando adesivos sobre os seios com os dizeres "Fora Bolsonaro", dizer amplamente repercutido tanto no circuito audiovisual da internet, quanto em protestos contrários ao presidente, onde circulavam adesivos como os que estão sendo utilizados na cena.

É possível observar à direita na imagem, na bandeira erguida pela personagem central, frases como: "Somos sementes de Marielle", demonstrando a reivindicação popular pela investigação policial sobre o caso do assassinato da

deputada Marielle Franco e seu motorista, Anderson Gomes, em 14 de março de 2018, no Rio de Janeiro, caso onde o principal suspeito é Ronnie Lessa, ex-policia militar que possui ligações com a família Bolsonaro.

Partindo para a análise de uma segunda capa, já do ano de 2022, último do mandato de Jair Bolsonaro, onde o mesmo não obteve sucesso em sua tentativa de reeleição, era claro o desgaste da popularidade do governo, que, por mais que ainda contasse com um grande número de apoiadores, ávidos pela ideia de um segundo mandato, lutavam contra um número ímpar de escândalos e pronunciamentos, ora ofensivos, ora desconexos da realidade, o que encorajou a desistências de muitos em seguir o apoiando.

Figura 16 – O 2º turno

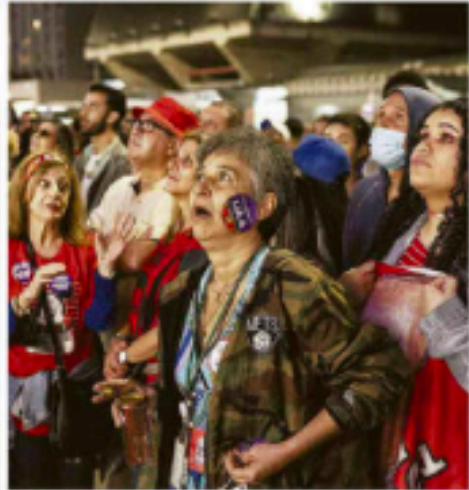
FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 ★★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 92 • Nº 3121 SEGUNDA-FEIRA, 3 DE OUTUBRO DE 2022 R\$ 4,00



Temperaturas de Jair Bolsonaro aquecem a campanha eleitoral em São Paulo. (Foto: G. S. / G. S. / G. S.)



Apoio eleitoral da campanha eleitoral em São Paulo. (Foto: G. S. / G. S. / G. S.)

Bolsonarismo demonstra força, e presidente vai a 2º turno com Lula

★ COM 6 MILHÕES DE VOTOS A MAIS, PETISTA CHEGA A 48% ANTE 43% DO OPOSTO ★ TEBET ACENA A EX-PRESIDENTE, E CIRO NÃO SE DEFINE ★ SEM VIOLÊNCIA, ELEIÇÃO TEM FILAS LONGAS

Estimativa Lula derrota (PT) e Jair Bolsonaro (PL) disputa o segundo turno da eleição presidencial. Embora o ex-presidente tenha obtido 49% dos votos, o candidato petista chegou a 48% no segundo turno, o que lhe dá vantagem para se reeleger.

Bolsonaro chegou ao segundo turno com 43% dos votos, o que lhe dá vantagem para se reeleger. O candidato petista chegou a 48% no segundo turno, o que lhe dá vantagem para se reeleger.

O presidente petista chegou ao segundo turno com 43% dos votos, o que lhe dá vantagem para se reeleger. O candidato petista chegou a 48% no segundo turno, o que lhe dá vantagem para se reeleger.

Estimativa Lula derrota (PT) e Jair Bolsonaro (PL) disputa o segundo turno da eleição presidencial. Embora o ex-presidente tenha obtido 49% dos votos, o candidato petista chegou a 48% no segundo turno, o que lhe dá vantagem para se reeleger.

Bolsonaro chegou ao segundo turno com 43% dos votos, o que lhe dá vantagem para se reeleger. O candidato petista chegou a 48% no segundo turno, o que lhe dá vantagem para se reeleger.

Estimativa Lula derrota (PT) e Jair Bolsonaro (PL) disputa o segundo turno da eleição presidencial. Embora o ex-presidente tenha obtido 49% dos votos, o candidato petista chegou a 48% no segundo turno, o que lhe dá vantagem para se reeleger.

RJ e MG realignam governadores Castro e Zema

Em 12 estados, escolha de governo vai ao 2º turno



Esporte A18 Eder Jofre morre aos 86

Tarciso e Haddad se enfrentam em SP, sem PSDB após 28 anos

O ex-ministro Tarciso de Freitas (República Novos) e Fernando Haddad (PT) disputam o segundo turno do Governo de São Paulo.

O resultado impõe uma derrota inédita ao PSDB, que, desde 1994, vinha sendo o partido eleito no estado.



Angelo Alencar

Cidre Rocha de Moraes

André E. Gonçalves

André Igor Góes

Assis Cristina Bessa

Ministros criticam propostas e lobbies

No Senado, bancada dos bolsonaristas será a maior

Opinião de Jair Bolsonaro

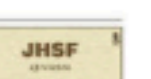
Depoimento Bárbara Ilan

Força de esquerda

Editoriais A3

Mais e serviços

Compartilhamento



JHSF

Surfside Residences.

Residências exclusivas com vista para a praia

DEPOIMENTO Bárbara Ilan

Biometria foi o maior problema para moradores

VILLAGE

Fonte: Folha de São Paulo, 03 out. 2022

A contraposição proposta pelo jornal *Folha de São Paulo* implica em uma leitura comparativa entre direita e esquerda, e passa ao leitor visões distintas, ao representar de maneira gráfica uma direita que celebra, em comparação a um eleitor de esquerda visivelmente abalado e preocupado com o cenário político atual.

A criação de um imaginário coletivo se dá em grande parte pela ação dos veículos de imprensa dentro da sociedade brasileira, logo, é importante pesar a relevância que esse tipo de material de cunho subjetivo carrega na construção desses imaginários.

Ao compreender que a sensação transmitida na imagem acima é um medo palpável da esquerda em contraposição à celebração da extrema-direita, torna-se necessário refletir sobre a que figuras interessa o enfraquecimento da esquerda brasileira apoiado pela construção imagética escolhida na montagem desta capa, e por que essa foi a escolha do jornal ao noticiar o primeiro turno.

"Bolsonarismo demonstra força, e presidente vai à segundo turno com Lula" lê-se com letras grandes logo abaixo das imagens, em evidente destaque. "Com 6 milhões de votos a mais, petista chega a 48% ante 43% do oponente". A escolha de escrever o segundo trecho em letras menores chama atenção, pois novamente minimiza o fato de que o candidato que está à frente na disputa é Lula, e não Bolsonaro, como a contraposição de imagens também parece sugerir.

"A percepção seletiva é construída de maneira tácita, a partir de rotinas, de preferências e de práticas de olhar que se estruturam e ganham organicidade interna sem que nos demos conta." (SÉRVIO, 2014, p.199). A experiência pessoal de cada indivíduo afeta a maneira como a mesma lê o mundo, influenciando nos interesses individuais, e auxiliando na tarefa de ignorar determinadas figuras em detrimento de outras, que sejam de maior interesse do observador. Portanto, é possível, a partir da análise do fenômeno da percepção seletiva, argumentar que, para aqueles que são favoráveis ao bolsonarismo, essa edição do jornal *Folha de São Paulo* representa uma vitória do movimento, pois possui sinais suficientes para tal interpretação.

A polarização visual entre verde e amarelo em paralelo ao vermelho da esquerda é trazida novamente pelo jornal, reforçando a consolidação criada no imaginário coletivo da sociedade brasileira pertinente à apropriação dos símbolos nacionais pela extrema-direita bolsonarista. Tal argumentação pode ser confirmada pela vestimenta do grupo bolsonarista, os quais estão utilizando camisetas da

seleção brasileira de futebol, enquanto a personagem principal figurada na fotografia balança a bandeira nacional à sua frente em celebração.

4. DA MÍDIA TRADICIONAL ÀS NOVAS REDES SOCIAIS: BOLSONARISMO, FOLHA DE SÃO PAULO E REDES SOCIAIS

O foco deste trabalho acadêmico não é a análise das redes sociais, porém, pela relevância representada por tal, se faz necessário me adentrar brevemente no tema como um complemento à monografia.

Ao iniciar os trabalhos deste projeto de pesquisa, me deparei com diversos discursos e imagéticas referentes ao movimento bolsonarista que flertavam com o fascismo e com o nazismo, necessitando assim me aprofundar nessas temáticas em uma tentativa de encontrar a melhor definição para o movimento que estava estudando.

Embora existam diferentes interpretações e debates quanto à definição que melhor posiciona politicamente o movimento, acredito que o neofascismo²⁷ seja uma atribuição mais assertiva ao debatermos o bolsonarismo, pois dá ênfase à essência fascista presente dentro de sua ideologia.

O trabalho de dissertação de Alex Fernandes Silva de Almeida intitulado "*Do golpe de 2016 ao bolsonarismo: o neofascismo no Brasil*" tem como objetivo trazer a tona o crescimento do neofascismo no Brasil, além de criar um debate sobre as respectivas utilizações das terminologias: neofascismo, nazismo e fascismo.

Um ponto de extrema importância é a utilização das tecnologias para comunicação, e a velocidade com que esses ideais neofascistas alcançam seus apoiadores através da mídia, ferramenta bastante significativa nos últimos oito anos. Tais motivos nos levam a entender a necessidade de identificar os transmissores de notícias e sua importância para a formação de uma sociedade (ALMEIDA, 2021, p.29).

A utilização das redes sociais expandiu o alcance dos discursos neofascistas, e facilitou a adesão de novas pessoas à sua ideologia, contribuindo para a unificação dos bolsonaristas e possibilitando tanto a propagação de ideologias quanto a organização de manifestações, tudo via plataformas como *WhatsApp*, *Facebook*, *Twitter* e *Instagram*.

²⁷ O neofascismo é um movimento que perpetua os ideais do anticomunismo, autoritarismo e ultranacionalismo presentes no fascismo clássico, transferindo, com um tom menos imperativo, os ideais fascistas para uma continuidade arraigada em movimentos antidemocráticos passados.

Os veículos de comunicação (tais quais a *Folha de São Paulo*) representam parte essencial da discussão, e justamente por isso possuem destaque nesse trabalho. Porém, nesse capítulo final, opto por visibilizar quais foram as ferramentas utilizadas na comunicação direta com a população brasileira para além da mídia tradicional.

A predileção por aplicativos como o Telegram e o X (antigo Twitter) é um marco recorrente em uma nova onda de políticos de direita que se utilizam do arquétipo do *outsider*, utilizado por políticos como Donald Trump, João Dória e Jair Bolsonaro. Para vender essa imagem, a utilização dos aplicativos de comunicação online contribuem por representar de maneira imagética o novo e o moderno, reforçando a ideia de uma nova política que não representa a corrupção da política antiga.

A ideia expressa nesse perfil de *outsider* é visível em sua verossimilhança, quando as três pessoas que enquadro nesse perfil, citadas anteriormente, são homens brancos com mais de 40 anos de idade, representantes do conservadorismo da direita, e que vendem a ideia do neoliberalismo como a saída para uma plenitude econômica geral.

No livro: *"Políticas do encanto - extrema direita e fantasias de conspiração"*, Paolo Demuru analisa a utilização das redes sociais pela extrema-direita, priorizando a análise de tramas conspiracionistas que perpassam esses meios.

A disseminação se deu com uma velocidade jamais vista. Penetração e rapidez que se devem, sobretudo, às mídias sociais, principais fábricas e repositórios dessas teorias - ou melhor, fantasias, conforme o termo adotado neste livro, cuja escolha explicarei adiante. Quem mais divulgou e se aproveitou desse universo ficcional foram grupos, movimentos, partidos e líderes populistas de extrema-direita, como Donald Trump e Jair Bolsonaro, pioneiros e especialistas da comunicação em rede. Com eles, o conspiracionismo chegou ao poder (DEMURU, 2024, p.12).

Ao tratar das teorias da conspiração presentes em grupos de internet com participantes da extrema-direita, Demuru aponta para a força que essas comunidades ganharam durante os governos de Trump e Bolsonaro, vistos por essas comunidades virtuais como salvadores, enviados para libertar a sociedade do comunismo e da depravação dos valores da família nuclear, sendo os únicos defensores da ordem e do progresso em meio ao caos social.

O uso do imaginário coletivo, que resgata um passado heroico para então fortalecer movimentos do presente é uma das estratégias encontradas nas práticas desse tipo de organização, o que, no caso do bolsonarismo, pode ser observado

através do "acampamento dos 300"²⁸, que, comandado por Sara Winter²⁹, protagonizou uma demonstração de poder em maio de 2020, ao montar um acampamento em frente ao Supremo Tribunal Federal e utilizar simbologias que remetem aos supremacistas brancos estadunidenses para demonstrar apoio a Jair Bolsonaro, recentemente destituído da condição de presidente da república.

A utilização das redes sociais possibilita ao propagador de ideologias se tornar íntimo de seu eleitor, e esse tipo de comunicação direta realizada através de postagens rápidas de opinião abertas e *lives* na internet contribui para a criação de um laço entre apoiadores e figuras públicas, além de ser uma ferramenta importante na viabilização de manifestações como as que aconteceram no Brasil, na forma das motociatas pró-Bolsonaro. É imprescindível caracterizar que sem esse tipo de comunicação rápida não seria possível tamanha mobilização de maneira tão ágil.

Apoiadores do presidente falaram à época em 1,3 milhão de motos no evento e que tal número havia entrado para o livro dos recordes, informação falsa logo desmentida pelo Guinness World Records. Já o governo paulista estimou que o ato contou com a presença de 12 mil motos (*Folha de São Paulo*, 15 de abril de 2022).

As falsas informações, popularmente conhecidas como *fake news*, foram fundamentais para a elevação da figura de Jair Bolsonaro ao criarem um novo imaginário acerca do Partido dos Trabalhadores, calcado na propagação de material sensacionalista e de cunho difamatório acerca do partido.

De maneira geral, o fenômeno das *fake news* se fez muito presente durante o governo Bolsonaro, sendo utilizado na comunicação entre apoiadores para divulgar notícias falsas e tendenciosas, que seriam, por sua vez, veiculadas por simpatizantes dentro de aplicativos de mensagem, que as enviavam aos seus círculos sociais, incentivando esse processo cíclico de desinformação.

A título de exemplificação, algumas das *fake news* veiculadas entre as épocas de campanha eleitoral e mandato de Jair Messias Bolsonaro que mais circularam fora das bolhas dos apoiadores foram o "kit gay" - que consistiria em uma apostila dada pelo governo do PT à crianças da rede pública, que as influenciaria a ter relações não heteronormativas - e a "gripezinha" - a definição de Bolsonaro da

²⁸ Os 300 de Esparta, como ficaram conhecidos, foram um grupo militar espartano que fez resistência aos persas durante as Guerras Médicas, ficando mais conhecidos no imaginário ocidental pelos quadrinhos de Frank Miller: "*Os 300 de Esparta*", e, posteriormente pela produção cinematográfica: "*300*", longa dirigido por Zack Snyder.

²⁹ Sara Fernanda Giromini, conhecida como Sara Winter, é uma ativista de extrema-direita que ganhou reconhecimento na mídia nacional após integrar o grupo paramilitar autointitulado "300 do Brasil".

Covid-19, um vírus que, segundo o último senso de 2024 do governo brasileiro, resultou na morte de mais de setecentas mil pessoas só no país.

Outro exemplo é o que ficou conhecido como "mamadeira de piroca", descrito abaixo em uma reportagem da *Folha de São Paulo* sobre a persistência das *fake news* bolsonaristas, e que contribuiu para o entendimento das abordagens utilizadas para difamar oponentes políticos e se autopromover.

Na filmagem da mamadeira, um narrador com voz masculina segurava o objeto com um bico em formato de pênis e dizia: "Essa aqui é a mamadeira distribuída na creche para o seu filho com a desculpa de combater a homofobia. O PT e o Haddad pregam isso para o seu filho, seu filho de cinco, seis anos" (*Folha de São Paulo*, 25 de agosto de 2022).

Um caso de *fake news* de grande repercussão envolveu o assassinato da então vereadora pelo PSOL³⁰ Marielle Franco (1979-2018), quando, em tentativas constantes de prejudicar a memória social em torno da figura de Marielle, dias após sua execução foram forjadas diversas notícias falsas que vincularam a vereadora ao Comando Vermelho³¹, veiculadas até mesmo por figuras importantes no campo da política, como a desembargadora Marília de Castro Neves, como é trazido no excerto abaixo.

A questão é que a tal Marielle não era apenas uma 'lutadora', ela estava engajada com bandidos. Foi eleita pelo Comando Vermelho e descumpriu 'compromissos' assumidos com seus apoiadores", escreveu falsamente Neves, que é juíza do Tribunal de Justiça do Rio, em uma rede social (BBC NEWS, Brasil, 2021).

Outro trecho falso dizia: "Ela, mais do que qualquer outra pessoa de 'longe da favela' sabe como são cobradas as dívidas pelos grupos entre os quais transacionava [...]. Qualquer outra coisa diversa é mimimi da esquerda tentando agregar valor a um cadáver que é tão comum quanto qualquer outro" (BBC NEWS Brasil, 2021).

A utilização das *fake news* serviu como uma forte ferramenta no processo de construção de um novo imaginário social sobre a esquerda brasileira, que, já sendo desmoralizada pelos canais de informação tradicionais há anos, agora encontrava uma nova dificuldade: um grande processo de desinformação que se alastrava via grupos de conversação online e publicações nas redes sociais.

4.1 IDEOLOGIAS NEOFASCISTAS SIMBOLIZADAS NA PROPAGANDA E COMUNICAÇÃO COM A POPULAÇÃO BRASILEIRA

³⁰ Partido Socialismo e Liberdade

³¹ O Comando Vermelho, ou CV, é uma organização criminosa fundada em 1979 no Rio de Janeiro.

As ideologias neofascistas permearam e persistem integrantes do imaginário da extrema-direita, seja pela utilização de simbologias que remetem ao fascismo clássico, gestos, ou similaridade em discursos com o nazismo. De forma a exemplificar as simbologias neofascistas presentes dentro do governo Bolsonaro, neste subcapítulo optei por trabalhar com alguns dos principais casos ocorridos na propaganda e comunicação com a população brasileira.

Figura 17 – O “ok” de Filipe Martins



Fonte: *Brasil de Fato*, 25 mar. 2021

Filipe Martins é ex-assessor para assuntos internacionais do ex-presidente da República Jair Bolsonaro, e foi preso em oito de fevereiro de dois mil e vinte dois pela polícia federal por integrar um grupo suspeito de promover uma tentativa de golpe de Estado no país - o mesmo é visto na imagem à direita realizando um gesto supremacista.

A formação da mão de Martins faz referência ao "P" pelo dedo indicador e médio, e "W" pelos outros três dedos retos, mensagem codificada para "White Power", ou, em tradução literal: poder branco.

O gesto é classificado pela liga anti difamação estadunidense (ADL) como forma de reconhecimento entre supremacistas brancos. É o tipo de mensagem que ficou conhecida pelo termo em inglês "*dog whistle*", que remete à metáfora de um

apito para cachorro, por ser algo que humanos não escutam, ou seja, uma mensagem codificada para outros supremacistas.

Figura 18 – Frases de Jair Messias Bolsonaro

Quadro 6 – Frases de Jair Messias Bolsonaro

CARACTERÍSTICA NEOFASCISTA	FRASES DE JAIR MESSIAS BOLSONARO
Nacionalismo	“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.
Negação dos direitos humanos	“Conosco não haverá essa politicagem de direitos humanos. Essa bandidada vai morrer porque não enviaremos recursos da União para eles.” “desserviço para o Brasil.”
Inimigos da nação	“Vamos unir o Brasil pela vontade de nos afastarmos de vez do socialismo, do comunismo, nos vermos livres desse fantasma do que acontece na Venezuela.” “esquerdistas, petistas e bandidos.”
Militarismo	“Caso eu fosse Presidente da República, eu convidaria para o MEC (Ministério da Educação) um general que tivesse comandado um colégio militar pelo Brasil.”
Apologia à Ditadura	“Fuzilar os Petralhas”,
Sexismo/misoginia	“Jamais iria estuprar você, porque você não merece.”
Controle da imprensa	“A imprensa tenta a todo custo comprar a corda que irá enforcá-la.”
Controle da religião	“Nós somos um país cristão! Deus acima de tudo. Essa historinha de Estado laico, não! É Estado cristão! E as minorias que se curvem!”
Ataque aos direitos trabalhistas	“Um dia o trabalhador vai ter que decidir: menos direitos e emprego ou todos os direitos e desemprego.”
Proteção aos empresários	“Hoje em dia é muito difícil ser patrão no nosso país.”
Menosprezo a artistas e intelectuais	“Já está feito, já pegou fogo. Quer que eu faça o que?”

Fonte: Elaborado pelo pesquisador com base nas informações do site *Brasil de Fato*.

Fonte: DO GOLPE DE 2016 AO BOLSONARISMO: O neofascismo no Brasil. Alex Fernandes Silva de Almeida. Goiânia, 2021. p.66.

A categorização feita por Almeida auxilia na associação direta de falas de Bolsonaro à valores encontrados na ideologia neofascista, e facilita na tarefa de enquadrar o governo do mesmo como tal ao encontrar conexões entre diferentes pronunciamentos que, em conjunto, flertam com a ideologia fascista.

Com a chegada de Mussolini ao poder, algumas alianças foram feitas, nascendo o Tratado de Latrão, que visava atender a interesses de ambos os lados. Da mesma forma, o governo fascista de Salazar em Portugal recorria ao poder divino com fins políticos até mesmo em seu *slogan* de campanha, “Deus, pátria e família”. Bolsonaro, por sua vez, adotou uma variável de Salazar como *slogan* para sua campanha política, “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” (ALMEIDA, 2021, p.69).

Da mesma maneira que o integralismo brasileiro adotou o lema de Benito Mussolini: "Deus, Pátria e Família", o slogan utilizado por Bolsonaro "Brasil acima de

tudo, Deus acima de todos" é uma referência à António de Oliveira Salazar, que em 1932, através de um golpe militar ocorrido em 1926, instituiu o salazarismo em Portugal, uma das ditaduras mais longevas da Europa, que perdurou até 25 de abril de 1974, data que marca a Revolução dos Cravos, que encerrou do Estado Novo no país.

É pertinente observar que a utilização desse slogan auxiliou Bolsonaro na comunicação com a população que integra religiões de matriz cristã, o que constitui grande parte da população Brasileira, servindo para se sobrepôr à outras falas que não ornem com os valores cristãos, mas sim, apelam ao conservadorismo como ferramenta de ligação entre Bolsonaro e os assim chamados "valores da família tradicional brasileira".

Figura 19 – Brasil acima de tudo



Fonte: *Jornalistas Livres*, 15 out. 2018

Durante o *terceiro reich*³², a propaganda nazista se utilizou do ultranacionalismo e da heroificação dos soldados arianos, instituindo assim a propaganda: "Alemanha acima de tudo", da qual o lema "Brasil acima de tudo" traça um paralelo, resgatando e "abrasileirando" o slogan, algo muito semelhante ao caso envolvendo Roberto Alvim tratado no próximo subcapítulo.

Há diferentes posicionamentos com relação à associação direta do governo de Bolsonaro ao fascismo, não havendo um consenso sobre o tema, mas sim, um questionamento constante e diferentes pontos de vista sobre o assunto, o que gera uma grande possibilidade de discussão sobre óticas distintas.

Entretanto, em seus escritos Atílio Bóron (2020) nega a existência de qualquer semelhança entre Bolsonaro e governos fascistas, alegando que jamais haverá governos com tais características. Acrescenta, ainda, que são acontecimentos únicos deixados no século XX. Como é possível tal afirmação tendo em vista que fatos falam por si, quando o homem que ocupa o mais alto escalão de poder do país se indis põe com todos aqueles que discordam de suas atitudes ou ideologia, inclusive o Parlamento Brasileiro? Como não acreditar que isso estende um caminho sem volta para a instauração do neofascismo? (ALMEIDA, 2021, p.71).

Neste trabalho opto por utilizar a terminologia neofascitista para descrever Bolsonaro e o movimento bolsonarista, tanto pela análise em similaridades no discurso e na imagética, quanto pelas políticas públicas adotadas, que, invariavelmente contribuíram para a diminuição da qualidade de vida de grupos minoritários, incentivando o anticomunismo, a homofobia e a discriminação racial como preceitos base em sua ideologia.

4.2 ANÁLISE DE PUBLICAÇÃO DA FOLHA DE SÃO PAULO

³² O terceiro reich é um dos nomes dados à Alemanha nazista - a ideia foi colocada em prática pela propaganda nazista, e remonta há um passado glorioso, onde o primeiro reich é o Sacro Império Romano - Germânico, de 962, e o segundo o Império alemão, instaurado em 1871. Em tradução literal, terceiro reich significa terceiro império.

Figura 20 – Exibição nazista derruba secretário da Cultura do governo Bolsonaro

FOLHA DE S. PAULO

DESDE 1921 ★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

SÁBADO, 18 DE JANEIRO DE 2020

Exibição nazista derruba secretário da Cultura do governo Bolsonaro

Roberto Alym imita Joseph Goebbels, ministro da Propaganda de Hitler, e é demitido; Regina Duarte é convidada para o cargo

Roberto Alym, secretário especial da Cultura do governo Jair Bolsonaro, foi exonerado ontem, horas depois de publicar um vídeo sobre salomônica facção e questões nazistas.

Publicado no início de quinta-feira, o vídeo de pouca duração apresentava Roberto Alym em seu gabinete, ao lado de Wagner, anunciando uma nova premiação, uma "medalha histórica" nas artes do país. Em determinado ponto, foi exibida uma projeção de 1933 de Joseph Goebbels, ministro da Propaganda de Adolf Hitler.

Repleta de não todos se consideram uma obra-prima e claramente criticada de muitas pelas, presidente de Câmara, Senado e STF e por personalidades, políticos e artistas, Alym chegou a pedir de Bolsonaro que ficaria no cargo. Em entrevista, o ministro alegou ser despedido pela "inabilidade em salomônica facção".

O presidente, no entanto, o demitiu após ter a pedido aumentado e receber críticas do Conselho de Indústrias Brasileiras.

No fim da tarde, a atriz Regina Duarte, convidada por sua posição de diretora, foi nomeada para a secretaria. Alym, no entanto, disse estar animado. Prometeu uma resposta hoje. *Assessoria*



Roberto Alym
Secretário Especial da Cultura

secretário Especial da Cultura do governo do presidente Jair Bolsonaro.

Bandeira brasileira
No momento de uma reunião de trabalho, o ministro da Cultura, Roberto Alym, em um vídeo, imita o ministro da Propaganda de Hitler, Joseph Goebbels, em um vídeo de 1933.

Presidente de Bolsonaro
A foto do presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, ao lado do ministro da Cultura, Roberto Alym, em um vídeo de 1933, imitando o ministro da Propaganda de Hitler, Joseph Goebbels, em um vídeo de 1933.

Richard Wagner
A música de Wagner, que se tornou a música de Hitler e a música de Alym, é composta por Wagner, filho de Hitler.

Uma medalha
Para quem da história, os presidentes que se tornaram os fundadores da nação, por isso a medalha de ouro, medalha histórica.

“Um presidente como Goebbels, ainda que tenha se desculpado, temesse isso: tentá-lo a sua personalidade”
— Roberto Alym

Roberto Alym
Alym foi o autor do vídeo de 1933, imitando Goebbels, em um vídeo de 1933, imitando o ministro da Propaganda de Hitler, Joseph Goebbels, em um vídeo de 1933.

Goebbels, em março de 1933, com retrato de Hitler

Sob Dilma, comissão viu conflito em casos similares ao da Secom

Acusando Dilma Rousseff (PT), a Comissão de Ética do Presidente viu conflito de interesses em casos similares ao do chefe da Secom, Fábio Wajngarten, nos casos de relações entre empresas de comunicação que atuavam em setores ligados às suas funções públicas.

A comissão fiscaliza com o uso de ministros, diretores de estado e ocupantes de cargos de natureza especial, como Wajngarten. As situações são posteriores à eleição de Dilma em 2011, apontada pelo relatório em sua defesa. *Assessoria*

ANÁLISE
Rinaldo José Lopes
Estética e discurso são anteriores ao partido de Hitler
Assessoria (1)

Alex Salles
Merecido diz que, se for o caso, opera contra democracia
Assessoria (2)

Ana Paula Seabra
Presidentista e dirigista, Prêmio das Artes continua
Assessoria (3)

Presidência da Casa do Brasil destina comitê para nomear amigo

Para identificar vítimas de Brumadinho, LML analisou 204 vídeos

Acervo perde venda de produtos da Blocker com validade após agosto

EDITORIAIS A2

Frya trágica
Sob o vídeo deve ocorrer o mesmo acidente no sistema.

Liberdade para reclamar
A respeito de projetos para restringir manifestações.

ASSINATURA

ASSINATURA 121 200 000
ASSINATURA 12 200 000

BEM-VINDO A 2020 O ANO DA CADA CHERY



TIGGO 8X 2020

"PRÊMIO CARRO DO ANO 2020"

TIGGO 8X 2020

SELETO E SURRENDIDO NO PAÍS COBRADO PRÊMIO DA INDÚSTRIA AUTOMOTIVA BRASILEIRA.

EADA CHERY

JHSF

O complexo Boa Vista está se expandindo com projetos de Sig Bergamini, Pablo Simonson e paisagem de Maria João d'Órey.

VILLAGE

Viva no pássaro AFD e AEL

Fonte: Folha de São Paulo, 18 jan, 2020.

Figura 21 – Roberto Alvim



Cena do vídeo publicado pelo secretário na noite de quinta (16) com referências nacionalistas e nazistas Reprodução/Twitter

Fonte: *Folha de São Paulo*, 18 jan, 2020.

Figura 22 – Joseph Goebbels



Fonte: *Folha de São Paulo*, 18 jan, 2020.

A comparação feita pelo jornal *Folha de São Paulo* tem como intuito destacar as diversas similaridades presentes entre as imagens de Roberto Alvim e Joseph

Goebbels, que, em uma primeira análise, levando em conta o posicionamento dos indivíduos e dos objetos, já demonstra algumas correspondências.

A primeira semelhança que gostaria de destacar é o local escolhido para o posicionamento dos quadros de Bolsonaro e de Hitler, ambos levemente à esquerda do espectador. No caso do quadro do Bolsonaro, há certa particularidade em sua apresentação, pois é destacada a presença dos símbolos nacionais, que, por estarem associados diretamente ao bolsonarismo, tornam-se necessários na configuração de sua imagética, não podendo recorrer apenas à figura desprovida de seus símbolos identitários, como é o caso do quadro de Hitler, que paira sozinho sobre a cabeça de Goebbels, sendo reconhecido apenas pela sua fisionomia.

A bandeira nacional, apoiada à direita de Roberto Alvim, demonstra o nacionalismo, como apontado pelo editorial do jornal, mas também serve para reforçar o pertencimento de Roberto Alvim e o seu apoio à figura de Bolsonaro, possível por meio da associação simbólica entre o elemento material e o ex-presidente no período abordado.

A cruz missioneira, localizada à esquerda de Roberto Alvim, remete a um passado heróico, nesse caso, o da colonização brasileira pelos jesuítas, representando uma exaltação de heróis brancos e europeus, ideia que se associa à identificação de um modelo ariano nazista, em uma possível tentativa de se identificar com os povos brancos em detrimento da miscigenação presente no País.

Outra referência ao regime nazista encontrada ao analisar o discurso de Roberto Alvim, comparado a fala de Joseph Goebbels, é a trilha sonora escolhida para o momento: a ópera "Lohengrin", composta por Wagner, musicista alemão admirado por Hitler.

Dentre os motivos que levaram à exoneração de Roberto Alvim, um dos que mais foi repercutido foi o discurso em si, que, ao ser comparado lado a lado ao discurso de Goebbels, apresenta semelhanças incontestáveis, entre elas o fim, onde há exatamente a mesma sentença: "ou então não será nada".

Os simbolismos e a imagética ocasionada em apologias discretas ao fascismo, como no brinde de Bolsonaro com o copo de leite em live, e no *dog whistle white power*, feito por Filipe Martins, tanto em outras nem tão sutis - como é o caso

do discurso de Roberto Alvim - trazem à tona o neofascismo presente dentro do movimento bolsonarista.

Figura 23 – Pela 4ª vez, atos pedem impeachment de Bolsonaro

FOLHA DE S. PAULO
HÁ 100 ANOS ★★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 109 • Nº 31.714 DOMINGO, 25 DE JULHO DE 2021 R\$ 1,00

Pela 4ª vez, atos pedem impeachment de Bolsonaro

Manifestantes pedem para voltar ao seu recenseamento eleitoral no quarto ato em desobediência pelo impeachment do presidente. Em São Paulo, com menos pessoas que nos anteriores, a PML lançou bandeiras de direito moral aos participantes. Brasília, Rio de Janeiro, Salvador e outras cidades também no exterior tiveram protestos. **Paula da**

Arminio Fraga
É preciso fazer a democracia funcionar melhor

Faz falta uma vida de longo prazo no Brasil que sirva de bússola para cada passo de mudança. Quem vive no topo da lista, preservar a democracia, hoje ameaçada. Além de pedir, é preciso fazer com que ela funcione melhor. **Paula da**

Kassio Nunes Marques pede que colunista da Folha seja investigado

ENTREVISTA Arturo Valenzuela
Biden pode ter mais sucesso em Cuba que Obama

Para membro do governo Obama que ajudou na reaproximação entre Estados Unidos e Cuba, atual contexto social no fim da do presidente não dá chances de sucesso na implementação de políticas. **Mundo 40**

EDITORIAIS A2
‘Da seu do cenário’
Acerca de assassinato político tardio de Bolsonaro.

Aventura na África
Sobre risco protagonista de por Moisés em Angola.

PROTESTO INCENDEIA O BORRÃO GATO
Monumento na zona sul de São Paulo é vandalizado em ato do grupo Revolução Periférica, que aponta a participação do bandeirante no genocídio indígena. **Cidades 18**

PÓDIO PANDEMICO
China celebra vitória na espada da esgrima no primeiro dia de premiações das Olimpíadas, por causa da coronavírus, eventos com atletas vitoriosos tiveram maior distanciamento e medalhas foram depositadas em bandejas para evitar contato físico.

Ilustrada
Ilustríssima C4
Disputa entre Brasil Paralelo e KondZilla resume cultura atual

MÔNICA BERGAMO C2
Joaquim Barbosa
Adotar semipresidencialismo no Brasil seria um erro político imperdoável

Especial
Pobreza é tema invisível para fundos de investimento ESG pelo mundo

HISTÓRIAS CENTENÁRIAS
Chá pode ser opção para o café, não rival, diz presidente da Leão

Inflação e desemprego tiram arroz e feijão do prato do brasileiro

Aumento nos preços de alimentos, gás e luz priva fiação mais pobre da população até dos produtos mais básicos

A alta de preços combinada com o desemprego recorde já privado do de brasileiro mais pobre da refração símbolo do país, o arroz com feijão. Oito de soja, feijão e carne foram trocados por farinha de milho, lentilha e ovo por causa da inflação, que atingiu o custo dos alimentos. O arroz, que levou o preço a subir de 20% em junho, chegou a 40% em julho. O feijão, que chegou a 30% em junho, chegou a 40% em julho. O gás, que chegou a 20% em junho, chegou a 30% em julho. A luz, que chegou a 10% em junho, chegou a 20% em julho. O resultado foi a redução do acesso a alimentos básicos para um grupo de renda entre todos os pesquisados pelo Ipea. **Paula da**

População com 18 anos ou mais*

País	2019	2020	2021
Brasil	191,4	191,4	191,4
US	325,2	325,2	325,2
ES	45,2	45,2	45,2
SP	12,7	12,7	12,7

Totais de áreas aplicadas

País	2019	2020	2021
Brasil	10,0	10,0	10,0
US	10,0	10,0	10,0
ES	10,0	10,0	10,0
SP	10,0	10,0	10,0

tóquio 2020

FANTASMAS DO PASSADO
Arthur Nery fica fora da final na ginástica artística após novas críticas sobre episódio racista p. 1

DELEGAÇÃO BRASILEIRA
Com corte de vagas e de investimentos, militares formam 30% do equipe p. 5

OPINÃO Juca Kfouri
Mito dos jogos, confirma edição mais política da história p. 7

MULTIDÃO LOCAL
Comitês ao evento, capangas promovem aglomerações em Tóquio p. 8

Fonte: Folha de São Paulo, 25 jul. 2021

No ano de 2021, após polêmicas envolvendo principalmente políticas relacionadas à gestão Bolsonaro e a pandemia de covid-19, dentre outros escândalos, a aprovação popular em relação à gestão não era tão positiva como outrora, fato evidenciado pela coluna: "Pela 4º vez, atos pedem impeachment de Bolsonaro".

A heterogeneidade presente dentro de periódicos como o jornal *Folha de São Paulo* é composta pela existência de diferentes perspectivas que integram e auxiliam na formação do jornal, que reflete uma série de interesses dos produtores do periódico, sendo então essencial ao pesquisador possuir uma visão crítica sobre a produção da imprensa ao utilizá-la como fonte historiográfica.

Lidar com fontes textuais, para os historiadores, é ser crítico - é tentar decifrar os interesses que estão por trás do escrito, as visões de mundo e posições sociais que o conformam, as demandas sociais, políticas e econômicas às quais os textos atendem, as estruturas e formatos aos quais eles se adéquam, as possibilidades de sentido que os textos oferecem, e as diferentes interpretações que eles autorizam. Alguns textos contêm, em um entremeado bastante complexo, informações e opiniões. Certos textos dizem a verdade com relação a esta ou aquela informação objetiva; mas já há outros que mentem ou distorcem a realidade propositadamente - e há os que mentem ou distorcem sem a consciência da mentira ou da distorção. Os textos podem ser informativos, mas também são discursos proferidos por enunciadores inseridos em posições diversas na rede social (BARROS, 2023, p. 17-18).

Os posicionamentos de jornais como a *Folha de São Paulo* não são perpetuamente homogêneos, sendo possível observar alterações de opinião - como podemos ver no aumento das críticas ao governo Bolsonaro ao longo de sua gestão - pois, por possuírem um grande número de indivíduos trabalhando na sua produção com diferentes perspectivas pessoais influenciando seus processos de escrita, e com mudanças na perspectiva social em torno da situação política do momento, a opinião geral representada pelo periódico também pode vir a ser alterada.

Figura 24 – Ato resgata bandeira brasileira e camisa da seleção

Ato resgata bandeira brasileira e camisa da seleção

Roberto de Oliveira

SÃO PAULO Antes predominantemente vermelha, a quarta rodada de manifestações contra o governo de Jair Bolsonaro ganhou novas cores na tarde de sábado (24), na avenida Paulista. Faixas, bandeiras do Brasil e camisas da seleção, espécie de uniforme bolsonarista, foram resgatadas pelos participantes.

Com duas faixas verdes nas laterais e uma amarela no centro, uma bandeira ocupava meio quarteirão da avenida, via que vem concentrando os atos pró-impeachment.

Ela foi estendida logo atrás de um caminhão, estacionado em frente ao Shopping Center 3, que reuniu integrantes de um grupo que se apresenta como Bloco Democrático.

Participam desse grupo representantes de partidos como PSDB, PC do B, Cidadania, PSB, PDT, Rede e Solidariedade, além de organizações estudantis e sindicais assim como movimentos liderados pelo Acredito e pelo Agora.

Estiveram por lá o deputa-

do federal Orlando Silva (PC do B-SP) e Bruna Brelaz, primeira presidente negra eleita da UNE (União Nacional dos Estudantes), entre outros.

Vice-presidente municipal do PSB, Helvio Moisés, 66, explica que o uso do verde-amarelo foi uma estratégia para contrapor à predominância vermelha nas manifestações.

"Quem subtraiu a bandeira para si foi a direita durante as manifestações pró-impeachment da ex-presidente Dilma [que ocorreram em 2016]. Nós precisamos retomá-la já."

Vestindo a camisa da seleção, Rodrigo Marques, 40, do diretório municipal do PSDB, afirmou que a camisa é do povo brasileiro. "Nem a bandeira nem a camisa da seleção pertencem ao bolsonarismo. Essa manifestação é prova disso. Todos aqui somos contra Bolsonaro, em defesa da vacinação e da vida", disse ele.

Tanto manifestantes ligados a partidos de centro quanto de esquerda ostentavam a bandeira brasileira. Vale registrar, todavia, que a presença da camisa da seleção era mais vista



Bandeiras do Brasil no protesto na Paulista Karime Xavier/Folhapress

entre integrantes do centro no chamado Bloco Democrático. "A pauta é a mesma", disse o analista de sistemas Adriano da Silva, 35. "Não importa a bandeira partidária, mas, sim, a do Brasil", afirmou.

Filiado ao PT, Silva disse que era a primeira vez que participava de um ato em defesa do impeachment de Bolsonaro. Ele acompanhou o caminhão do Bloco Democrático. "Mesmo porque com ele tem muitos partidos de esquerda."

Com a bandeira brasileira nas costas, Ana Maria Rodrigues, 74, diretora da CMB (Confederação das Mulheres do Brasil), apostou no uso da peça com o propósito de agregar "uma ampla frente para derrotar Bolsonaro". "O uso da bandeira é um resgate dos símbolos nacionais. Precisamos dialogar com todos os setores da sociedade. A bandeira e a camisa podem somar. A luta é uma só: derrubar Bolsonaro e salvar a democracia."

De camiseta, máscara e bandeira vermelha do CMP (Central de Movimentos Populares), Genilce Gomes, 50, ain-

Fonte: *Folha de São Paulo*, 25 jul. 2021

A capa abordada faz alusão a um editorial assinado por Roberto de Oliveira presente na página 6 do jornal e intitulado: "Ato resgata bandeira brasileira e camisa da seleção", e fala sobre o ímpeto dos manifestantes em recuperar a bandeira nacional e a camisa da seleção de sua associação ao bolsonarismo. Assim, durante a quarta onda de protestos pró-impeachment de Bolsonaro, os manifestantes optaram por subverter a lógica hegemônica, em um ato de resistência ao imaginário já consolidado.

As cores verde e amarelo devem pertencer à qualquer brasileiro que deseje usá-las, e, apesar da associação à movimentos de direita e à Jair Bolsonaro e o movimento bolsonarista em específico, fortalecida entre 2018 e 2022, cada vez mais pessoas tomam para si a tarefa de subverter essa associação, o que por si só é um ato de resistência.

A composição entre a queima do monumento em homenagem à Borba Gato, bandeirante português, feita pelo grupo *Revolução Periférica* e encabeçada pelo militante dos direitos trabalhistas da categoria de motoboys em São Paulo, Galo de

Luta³³, e o ato de recuperação da bandeira nacional, demonstram um momento de inquietação popular frente aos abusos sofridos durante o governo Bolsonaro, em dois atos que marcam, de maneiras distintas, movimentos de ressignificação simbólica, um através da destruição, e outro através da reapropriação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a produção deste trabalho de conclusão de curso, muitos cortes de conteúdos foram necessários, motivados pela necessidade de um aprofundamento teórico durante a abordagem dos temas escolhidos. Porém, foi possível constatar, através da bibliografia e métodos de análise utilizados, que houve uma associação dos símbolos nacionais ao movimento bolsonarista durante o período temporal abordado (2018-2022), tendo sido influenciada por movimentos anteriores.

Acredito ser pertinente destacar que o fenômeno de apropriação dos símbolos nacionais pelo movimento bolsonarista não os condena irrefutavelmente à perpetuação dessa associação para períodos posteriores, mesmo que tal memória possa eventualmente ser resgatada por movimentos futuros, como foi o caso da memória da Ação Integralista Brasileira em suas influências no bolsonarismo.

O trabalho pôde demonstrar que há historicamente a associação de símbolos nacionais com vontades de governos não apenas na história do Brasil, como também de outros países, e o bolsonarismo não é uma exceção. Os estudos sobre as novas direitas latino-americanas possuem extrema importância para a compreensão desse processo, auxiliando no entendimento das raízes políticas que possibilitaram a ascensão das direitas na América Latina, e do bolsonarismo em específico.

A utilização dos estudos da cultura visual foram imprescindíveis para o desenvolvimento do processo de análise das imagens estudadas durante esse trabalho de conclusão de curso, possibilitando um aprofundamento teórico nas leituras e na identificação de simbolismos ali presentes.

As ideologias neofascistas presentes na comunicação com a população brasileira durante o governo Bolsonaro foram parte motriz para a formação do

³³ Paulo Galo, ou como é mais conhecido Galo de Luta é um militante paulista, nascido em 21 de março de 1989, e esteve à frente na luta pelo reconhecimento dos direitos dos trabalhadores de serviços de entregas durante a pandemia de covid-19, quando havia alta demanda do serviço causada pelo isolamento social relacionado à quarentena.

argumento inicial deste trabalho ao suscitar questionamentos sobre os simbolismos e falas do ex-presidente e de seus apoiadores em suas associações com a ideologia faascista.

O jornal *Folha de São Paulo* foi uma fonte historiográfica essencial no desenvolvimento dessa pesquisa, pois possibilitou acompanhar a opinião pública em torno do governo de Jair Messias Bolsonaro, o tratamento dado pela mídia em diferentes períodos, os eventos e nuances que acompanharam os processos que englobam o recorte temporal selecionado, e, principalmente, tornou possível demonstrar o processo de apropriação dos símbolos nacionais pelo movimento bolsonarista.

REFERÊNCIAS

7 de agosto é Dia Nacional de Luta em Defesa da Vida e dos Empregos.

Urbanitários, 04 ago. 2020. Disponível em:

<<https://www.urbanitarios-pa.org.br/index.php/component/content/article/2-noticias/304-7-de-agosto-e-dia-nacional-de-luta-em-defesa-da-vida-e-dos-empregos?Itemid=101>>. Acesso em: 11 set. 2024.

7 de setembro tem rolls royce em Brasília e gritos dos excluídos em pelo menos 15 estados. **Folha de São Paulo**, 8 set. 2020. Disponível em:

<<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=49276&anchor=6418852&origem=busca&originURL=&maxTouch=0>>. Acesso em: 11 set. 2024.

ALMEIDA, Alex Fernandes Silva. **Do golpe de 2016 ao bolsonarismo: o neofascismo no Brasil**. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2021.

ALMEIDA, Ana Caroline. Enfrentamento à bandeira nacional a partir do cinema brasileiro contemporâneo. **Mídia e Cotidiano**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 108-118, mai-ago 2022.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. 3ª edição. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Debora E. L. J.. **Notas sobre o retorno da extrema direita e sua presença na esfera pública nos últimos anos**. Disponível em:

<https://www.academia.edu/45149073/Notas_sobre_o_retorno_da_extrema_direita>. Acessado em: 11 set. 2024.

Apoiadores de Bolsonaro comemoram em frente ao condomínio dele no Rio, com homenagem ao coronel Brilhante Ustra, acusado de ser torturador na ditadura militar. **Folha de São Paulo**, 29 out. 2018. Disponível em:

<<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=48506&anchor=6103858&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=382c829baf1ea116a4712611b363a1b8>>.

Acesso em: 11 set. 2024.

BARROCAL, André. Acampamento bolsonarista "300 do Brasil" é uma organização paramilitar? **Carta Capital**, 07 mai. 2020. Disponível em:

<<https://www.cartacapital.com.br/politica/acampamento-bolsonarista-300-do-brasil-e-uma-organizacao-paramilitar/>>. Acesso em: 11 set. 2024

BARROS, José D'Assunção. A história cultural e contribuição de Roger Chartier. **Diálogos**, Maringá, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.

BARROS, José D'Assunção. **O jornal como fonte histórica**. 1ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2023.

Bolsonarismo demonstra força, e presidente vai a 2º turno com Lula. **Folha de São Paulo**, 03 out. 2022. Disponível em:

<<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=50053&anchor=6464633&origem=busca&originURL=&maxTouch=0>>. Acesso em: 11 set. 2024.

Bolsonaro Presidente. **Folha de São Paulo**, 29 out. 2018. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=48506&anchor=6103835&origem=busca&originURL=&maxTouch=0>>. Acesso em: 11 set. 2024.

CARVALHO, Igor. Cinco vezes que Bolsonaro, ou pessoas ligadas a ele, recorreram a símbolos nazistas. **Brasil de Fato**, 25 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/03/25/cinco-vezes-que-bolsonaro-ou-pessoas-ligadas-a-ele-recorreram-a-simbolos-nazistas>>. Acesso em: 11 set. 2024.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

COSTA, Gêrda Livia. **Vermelho pra que te quero? A simbologia da cor nos movimentos sociopolíticos na história do Brasil**. Monografia (Bacharel em Design-Moda) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

CRONOLOGIA: atentado contra Jair Bolsonaro. **G1**, 27 jan. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/27/cronologia-atentado-contra-jair-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em: 11 set. 2024.

CRUZ, Sebastião Velasco (org); KAYSEL, André (org); CODAS; Gustavo (org). **Direita, Volver! o retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2015.

DEMURU, Paolo. **Políticas do encanto: extrema direita e fantasias de conspiração**. 1ª edição. São Paulo: Elefante, 2024.

DUARTE, Kamilla Alves. Dominação burguesa entre o velho e o novo: a ascensão da extrema-direita no Brasil. **Serviço Social e Sociedade**, São Paulo, v. 146, n. 3, e-6628330, 2023.

Exibição nazista derruba secretário da Cultura do governo Bolsonaro. **Folha de São Paulo**, 18 jan. 2020. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=49030&anchor=6138919&origem=busca&originURL=&maxTouch=0>>. Acesso em: 11 set. 2024.

FREITAS, Auxilia Ghisolfi; MIRANDA, Geane Uliana. Semiótica peirceana: Construindo caminhos possíveis para a compreensão da apropriação e da ressignificação dos símbolos nacionais. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 11, n. 7, p. e36911729938, 2022.

GERTZ, René. **O fascismo no sul do Brasil: Germanismo, Nazismo, Integralismo**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

GUEDES, Simoni Lahud; DA SILVA, Edilson Márcio Almeida. O segundo sequestro do verde e amarelo: futebol, política e símbolos nacionais. **Cuadernos de Aletheia**, nro. 3, p. 73-89, 2019. In Memoria Acadêmica. Disponível em:

<http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.9691/pr.9691.pdf>. Acessado em: 11 set. 2024.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**. 3ª edição. São Paulo: Contexto, 2015.

LUZ, Milton. **A História dos Símbolos Nacionais: A Bandeira; O Brasão; O Selo; O Hino**. 1ª edição (1999). Brasília: Senado Federal, 2005 (Reimpressão).

MAITINO, Martin Ego. “Direita, sem vergonha”: Conformações no campo da direita no Brasil a partir do discurso de Jair Bolsonaro. **Plural**, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 111-134, jun. 2018.

MAJLUF, Natalia. De como reemplazar a um rey: retrato, visualidade y poder em la crisis de la independencia. **Histórica**, Lima, v. 37, n. 1, p. 73-108, 2013.

Mansões dos Bolsonaro: Alvo de polêmicas, conheça o interior dos imóveis avaliados em R\$ 9 milhões. **O Globo**, 01 set. 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2022/09/mansoes-dos-bolsonaro-alvo-de-polemicas-conheca-o-interior-dos-imoveis-avaliados-em-r-9-milhoes.ghtml>>. Acesso em: 11 set. 2024.

MATTOS, Marcelo Badaró. Governo Bolsonaro: Neofascismo e autocracia burguesa no Brasil. **Relações Internacionais**, Lisboa, v. 73, n.1, p. 25-39, mar. 2022.

MIRANDA, Ricardo. Como será a primeira visita de Bolsonaro a Juiz de Fora após a facada. **O Pharol**, 13 jul. 2022. Disponível em: <<https://jornalopharol.com.br/2022/07/como-sera-a-primeira-visita-de-bolsonaro-a-juiz-de-fora-apos-a-facada/>>. Acesso em: 11 set. 2024.

MONTEIRO, Rosana Horio. Cultura Visual: definições, escopo, debates. **Domínios da Imagem**, Londrina, v. 1, n. 2, p. 129-134, maio 2008.

NETO, Odilon Caldeira. Neofascismo, "Nova República" e a ascensão das direitas no Brasil. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, Fortaleza, v. 10, n. 24, p. 120-140, jan. 2020.

OLIVEIRA, Juliana de. **Brasil chega à marca de 700 mil mortes por Covid-19**. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2023/marco/brasil-chega-a-marca-de-700-mil-mortes-por-covid-19>>. Acesso em: 11 set. 2024.

OLIVEIRA, Roberto de. Ato resgata bandeira brasileira e camisa da seleção. **Folha de São Paulo**, 25 jul. 2021. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=49602&anchor=6438354&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=0dbf83b9ef99f8e6f144ea7f7bea87d32>>. Acesso em: 11 set. 2024.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **A Invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. 1ª edição. Tradução: Wanderson Flor do Nascimento. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PASLAUSKI, Guilherme Henrique Piaz. **Os protestos das jornadas de junho de 2013 na ótica e na posição do jornal *Folha de São Paulo***. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Marechal Cândido Rondon, 2021.

Pela 4ª vez, atos pedem impeachment de Bolsonaro. **Folha de São Paulo**, 25 jul. 2021. Disponível em: <<https://acervo.folha.com.br/digital/leitor.do?numero=49602&anchor=6438398&origem=busca&originURL=&maxTouch=0>>. Acesso em: 11 set. 2024.

PENNAFORT, Roberta. Mentiras sobre Marielle Franco continuam a se espalhar três anos após sua execução. **BBC News Brasil**, 13 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-56367394>> Acesso em: 11 set. 2024.

PIERUCCI, Antônio Flávio. As bases da nova direita. **Novos Estudos**, São Paulo, v. 19, n. 3. p. 26-45, dez. 1987.

PINHO, Angela. Perfis que viralizaram “mamadeira de piroca” espalham até hoje fake news contra o PT. **Folha de São Paulo**, 25 ago. 2022. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2022/08/perfis-que-viralizaram-mamadeira-de-piroca-espalham-ate-hoje-fake-news-contra-o-pt.shtml>>. Acesso em: 11 set. 2024.

Quem é Filipe Martins, ex-assessor de Bolsonaro preso pela PF, e do que é acusado. **BBC News Brasil**, 8 fev. 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cd1wyv4p0deo>>. Acesso em: 11 set. 2024.

SÉRVIO, Pablo Petit Passos. O que estudam os estudos da cultura visual? **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 196-215, mai./ago. 2014.

SÉRVIO, Pablo Petit Passos. **Imagens de publicidade e ensino de arte: reflexões para uma Educação da Cultura Visual**. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

SILVA, Fabricio Pereira da. **América Latina em seu labirinto: democracia e autoritarismo no século XXI**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Ponteio, 2019.

SILVA, Sônia Maria de Meneses. **A operação midiográfica: A produção de acontecimentos e conhecimentos históricos através dos meios de comunicação - A Folha de São Paulo e o Golpe de 1964**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2011.

SILVA, Luciana Saratt da. **As reacentuações axiológicas da bandeira nacional e da camiseta da seleção: Os signos ideológicos como fonte identitária da direita brasileira**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

SOUSA, Jacyane Dantas; BRAGA, Amanda Batista. Da política e do esporte: a bandeira brasileira e as rupturas discursivas da identidade nacional. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 1-21, maio-ago. 2021. DOI: 10.22168/2237-6321-22011.

TEODORO, Plínio. VÍDEO: Bolsonaro se irrita com lambe “fome para o povo, mansão para os filhos”. **Forum**, 20 mar. 2022. Disponível em: <<https://revistaforum.com.br/politica/2022/3/20/video-bolsonarista-se-irrita-com-lambe-fome-para-o-povo-mansao-para-os-filhos-111778.html>>. Acesso em: 11 set. 2024.

WANDELLI, Raquel. NAZISMO ESCANCARA SUA AMEAÇA: Slogan de Bolsonaro é tradução literal do lema de Hitler. **Jornalistas Livres**, 15 out. 2018. Disponível em: <<https://jornalistaslivres.org/nazismo-escancara-sua-ameaca-slogan-de-bolsonaro-e-traducao-de-lema-de-hitler/>>. Acesso em: 11 set. 2024.

ZURCHER, Anthony. Como atentado contra Trump pode ser usado na campanha eleitoral dos EUA. **BBC News Brasil**, 15 jul. 2024. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c51yqv0l7r5o>>. Acesso em: 11 set. 2024.